

II.

As guerras de religião e os *politiques*: a elaboração da tolerância como instrumento

1.

1584-1589***Ligueurs x politiques***

Aos 33 anos, casado há nove anos com Louise de Lorraine, de 31, Henrique III tinha ainda tempo para ter filhos. A chance remota de um rei protestante assumir o trono, no entanto, leva as lideranças católicas intransigentes a ignorarem essa possibilidade, e lidarem com a esterilidade do casal real como um fato. Considerava-se que um aborto sofrido pela rainha em 1575 seria a causa da sua infertilidade. Antes mesmo da morte de Alençon-Anjou, a sucessão real havia se tornado um problema, pois o duque recusava qualquer casamento que lhe era proposto, diminuindo assim gradativamente as chances de um herdeiro Valois e de uma transmissão tranqüila da Coroa. Por volta de 1583, as ligas começam a sugerir o nome do duque de Guise como herdeiro do trono após a morte de Henrique III. Diversas genealogias da família lorena são publicadas, como a de François de Rosières, autor dos *Six livres des politiques*, que escreve um *Stemmatum Lotharingiae ac Barri ducum* (1583) no qual remete a origem dos Guise ao Cavalo de Tróia e afirma que o trono real foi-lhes usurpado por Clodion e Meroveu, em 429. Entre as publicações com o mesmo tema, era mais comum fazer descender o clã de Carlos Magno, sugerindo que a sucessão de reis franceses desde então era ilegítima. Philippe Duplessis-Mornay respondeu a Rosières, no mesmo ano em que este publicou seu *Stemmatum Lotharingiae*, por um *Discours sur le droit pretendu par ceux de Guise sur la Couronne de France* (1583). Nele, o conselheiro de Henrique de Navarra dá conta do plano *ligueur* – “*Est bien la voix commune que ceux de Lorraine prétendent la Couronne comme héritiers de Charles-Magne*”³⁷⁷ –, e explica que um “*livre écrit en latin par un François de Rosiers de Barleduc, Archidiacre de Thoul, et dédié à Monsieur de Lorraine*”³⁷⁸ vai ainda mais longe e deslegitima já a dinastia merovíngia. No relato de Mornay, Rosières afirmava que a sucessão,

³⁷⁷ “É voz corrente que os de Lorena ambicionam a Coroa como herdeiros de Carlos Magno”, Mornay, 1583, s/p.

³⁷⁸ “livro escrito em latim por um François de Rosiers de Barleduc, Arquidiácono de Thoul, e dedicado ao Senhor de Lorena”, id., ibid., s/p.

leur a été ôtée par Mérovée et ses descendants, avant toutes trois lignées³⁷⁹, tellement que par la loi (...) tous nos Rois auraient été usurpateurs depuis le premier jusqu'à maintenant, et aurait été le vrai héritier de la couronne Française en la maison des Ducs de Mosellane, dont se disent issus ceux de Lorraine³⁸⁰.

A ascensão ao trono não seria portanto mais do que a justa reparação de um crime cometido havia mais de 1150 anos. Segundo Mornay, a pretensão sobre a Coroa, expressa pela publicação de Rosières, não era recente entre os Guise. Desde o reinado de Henrique II, a família lorena estaria se aproximando do poder, ocupando o governo do reino, e maquinando a sua volta ao trono. Mornay explica que

c'est une chose commune en ce Royaume, que la maison de Lorraine s'attribue la couronne de France, et se pourraient aisément encore recouvrer les Chroniques et Généalogies qu'ils falsifient du temps du feu Roi Henri, les consultations qu'ils firent tenir de leur droit sous François deuxième, et les mémoires qui furent semées entre le peuple sous Charles neuvième, et depuis encore : iceux acheminant toujours leurs desseins et bâtimens, selon que la ruine de ce pauvre état se semblait avancer par les guerres civiles par le moyen desquelles le respect du Prince légitime étant diminué, les nerfs affaiblis, et le chemin préparé à nouveauté, ils se sont promis de s'asseoir en leur siège prétendu en déchassant ceux qu'ils en tiennent pour usurpateurs³⁸¹.

Os católicos intransigentes tinham portanto no duque de Guise o seu pretendente ao trono. Henrique III, de seu lado, queria outra sucessão.

Sem um herdeiro, o rei buscou em Henrique de Navarra um príncipe consciente do destino que aparentemente seria o seu. Certo da reação católica a um rei protestante, Henrique III tentou por várias vezes levar Navarra de volta à Igreja romana. Segundo Hugues Daussy,

Henri III est bien conscient que la voix des catholiques intransigeants ne va pas manquer de s'élever. Son intention est, de ce fait, de ramener son beau-frère dans le giron de l'Église catholique et il ne va pas attendre, on le verra, le décès de son

³⁷⁹ Era costume afirmar que a França tinha tido 3 “raças” de reis: os merovíngios, descendentes de Clodion e Meroveu, os Carolíngios, descendentes de Carlos Magno, e os capetíngios, descendentes de Hugo Capeto.

³⁸⁰ “foi-lhes usurpada por Meroveu e seus descendentes, antes de todas as três linhagens, tanto que pela lei (...) todos os nossos Reis teriam sido usurpadores desde o primeiro até agora, e teria sido o verdadeiro herdeiro da Coroa francesa da casa dos Duques de Mosellane, de que se dizem saídos os de Lorena”, id., ibid., s/p.

³⁸¹ “é coisa comum nesse Reino, que a casa de Lorena se atribua a Coroa da França, e se poderiam ainda facilmente recuperar as Crônicas e Genealogias que eles falsificam do tempo do falecido Rei Henrique, as consultas que eles fizeram sobre os seus direitos sob Francisco II, e as memórias que foram disseminadas entre o povo sob Carlos IX, e depois ainda; conduzindo sempre seus propósitos e construções, a ruína desse pobre estado parecia avançar pelas guerras civis por meio das quais, o respeito ao Príncipe legítimo estando diminuído, os nervos enfraquecidos, e o caminho semeado para novidade, eles se prometeram sentarem-se em seu pretenso assento expulsando os que eles consideram usurpadores”, id., ibid., s/p.

*frère pour entreprendre une démarche dans ce sens. Pour convaincre le Béarnais, le roi est d'ailleurs prêt à donner des gages de sa bonne volonté, à son égard et à celui des huguenots*³⁸².

Em maio de 1584, antes da morte de Alençon-Anjou, o rei envia o duque de Épernon, um dos seus *favoris*, em uma pretensa viagem de cura ao sul. O objetivo da viagem, na verdade, é apresentar a Henrique de Navarra a posição do rei e seu pedido de conversão. Quando acontece o primeiro encontro entre Épernon e Navarra, no dia 13 de junho, Alençon-Anjou estava morto havia três dias. Talvez nessa primeira conversa a notícia do desaparecimento do duque ainda não tivesse chegado à Navarra, mas nas seguintes, e sobretudo na entrevista de 25 de junho, a mais importante delas, o fato já era conhecido.

A morte de Alençon-Anjou torna a tarefa de Épernon mais urgente: se, pelas determinações da lei sálica, o herdeiro do trono era Henrique de Navarra, pelo juramento feito na coroação o novo rei deveria prometer preservar a Igreja católica e extirpar a heresia do reino. O calvinista Henrique de Navarra não se encaixava no papel de protetor do catolicismo contra a “heresia” que na época afligia o reino, o protestantismo.

Uma publicação anônima de 1585 traz a descrição da reunião, fictícia, que teria se seguido ao encontro de Épernon e Navarra. Na presença deste rei, três conselheiros seus, o ministro da igreja reformada Mermet (chamado no texto Marmet), o católico Antoine de Roquelaure³⁸³ e Arnaud du Ferrier³⁸⁴, discutem a proposta feita por Henrique III. No texto, cada conselheiro tem uma posição bastante definida quanto à questão político-religiosa que a sucessão de Henrique III levantava, representando, caricaturalmente, as correntes que, na França, discutiam o problema específico do herdeiro do trono, e o problema geral das guerras de religião. Antoine de Roquelaure apresenta uma versão sem sutilezas das propostas do grupo dos *politiques*: Navarra deve se converter em aparência, isto é, sem mudar de confissão no seu íntimo, porque a sua função de rei obriga-o

³⁸² “Henrique III tem bastante consciência de que a voz dos católicos intransigentes não vai deixar de elevar-se. Sua intenção é, por isso, trazer de volta seu cunhado ao seio da Igreja católica, e ele não vai esperar, como veremos, a morte do seu irmão para empreender uma ação nesse sentido. Para convencer o Bernês, o rei está inclusive disposto a dar garantias da sua boa vontade, no que se referia a ele e aos huguenotes”, Daussy, 2002, p.261

³⁸³ Oficial da Coroa da Navarra.

³⁸⁴ Discípulo de Michel de L'Hospital, Du Ferrier havia sido embaixador da França nos Estados italianos, sobretudo em Veneza, no Vaticano, e no Concílio de Trento. Levado por Philippe Duplessis-Mornay ao serviço do rei da Navarra em 1582, aos 76 anos, é nomeado *garde des sceaux* da Navarra.

a reconstruir a paz mas não a defender a religião. Mermet, pastor protestante, condena a conversão de fato tanto quanto em aparência. Du Ferrier, último dos três a falar, defende uma posição intermediária: o bernês, em princípio, não deveria se converter, mas poderia estudar, pelas Escrituras, a religião. Sobretudo, deveria evitar ao máximo um afastamento entre o rei e ele.

Sendo o primeiro a falar, Roquelaure faz um resumo da situação em que a visita de Épermon deixa Navarra :

*C'est un choix que le Roi notre maître doit faire. Car d'un côté, on lui propose la grace et amitié du Roi son frère, et la faveur de toute la France, de l'autre le courroux de sa Majesté, avec la haine de tout le Royaume : d'un côté, la puissance de réduire ses ennemis à tel point qu'il lui plaira, de l'autre, la nécessité d'être réduit sous leur miséricorde : d'un côté la Couronne de France, de l'autre, une pair de Psaumes. Lequel doit-il choisir à votre avis ?*³⁸⁵

Roquelaure leva o leitor a acreditar que há apenas uma resposta razoável para o dilema frente a Navarra. A Mermet ele afirma que, na sua visita, Épermon apenas aconselhava o rei

*de s'accommoder à la religion de tous ses prédécesseurs, et à quitter celle que lui avez apprise, qui l'empêchera de jouir jamais paisiblement de l'heur que Dieu lui présente*³⁸⁶.

A sua opinião é a de que Navarra deveria aceitar a sugestão do emissário de Henrique III e converter-se, pois assim a sua volta à corte estaria assegurada, seus inimigos seriam destruídos e seus amigos beneficiados. O afastamento dos dois primos, diz Roquelaure, já durava muitos anos, e precisava ser remediado. A razão para ele estava nas desconfianças múltiplas que, desde a Noite de São Bartolomeu, caracterizavam as relações entre os protestantes e a Coroa: “*la défiance a été cause de l'absence. Et tant que l'absence continuera, vous ne me persuaderez jamais que la défiance ne continue aussi*”³⁸⁷.

³⁸⁵ “É uma escolha que o Rei nosso senhor deve fazer. Pois de um lado, propõem a ele a graça e a amizade o Rei seu irmão, e o favor de toda a França, de outro a irritação de sua Majestade, com o ódio de todo o Reino; de um lado, o poder de reduzir seus inimigos quanto lhe apetecer, do outro, a necessidade de ser reduzido sob a sua misericórdia; de um lado a Coroa da França, do outro, um par de Salmos. Qual ele deve escolher, na vossa opinião?”, *Double d'une lettre envoyée à un certain personnage, contenant le discours de ce qui se passa au cabinet du roy de Navarre et en sa présence, lorsque le duc d'Espèron fut vers luy en l'an 1584*. 1585, p.3.

³⁸⁶ “acomodar-se na religião de todos os seus predecessores, e deixar a que vós lhe ensinastes, que o impedirá de gozar pacificamente o acaso que Deus lhe apresenta”, *ibid.*, p.4.

³⁸⁷ “a desconfiança foi causa da ausência. E enquanto a ausência continuar, não me persuadireis nunca de que a desconfiança não continue também”, *ibid.*, p.8.

Reaproximados, o atual e o futuro rei seriam imbatíveis. Os Guise, principais opositores de Navarra cuja popularidade e a influência entre os católicos conservadores do reino eram uma ameaça à autoridade de Henrique III, seriam os primeiros a perecer: a volta de Navarra à corte – isto é, ao favor real – seria a ocasião pela qual esperava o rei para

*renverser les desseins de ceux, qui tant pour la recherche de leur généalogie divulguée et imprimée publiquement, que par je ne sais quelle populace, piaffe et tous autres moyens pratiquent des serviteurs, ou plutôt des armées, pour parachever les entreprises que leur Père et Oncle leur ont laissé par testament*³⁸⁸.

Para atingir a vitória, Henrique de Navarra precisaria apenas se converter. Católico, ele assumiria um lugar de destaque no reino – que, segundo seus conselheiros, por direito era seu – e, depois da morte de Henrique III, seria incontestavelmente o novo rei. Para Roquelaure, a eminência dos ganhos justificava uma conversão rápida, e mesmo não-sincera: “*il est nécessaire qu’il s’accommode à faire profession publique, de l’ancienne religion de tous ses prédécesseurs*”³⁸⁹, afirma ele, e “*encore que le Roi notre maître ne fut Catholique au coeur, il le doit être à la bouche et à l’extérieur*”³⁹⁰. Navarra deveria seguir os exemplos que mostravam “*que les grands Princes ont toujours préféré leur État à l’exercice public de leur religion*”³⁹¹.

Frente à certeza de Roquelaure, caberá aos seus dois interlocutores contradizê-lo e apresentar outras soluções possíveis para a oferta feita por Henrique III.

O segundo a falar é Mermet. Escandalizado com as sugestões que ouviu do colega católico, o pastor concentra a sua argumentação na proposta de uma conversão por interesse. “*S’accommoder au fait de la religion*”, diz Mermet, “*c’est proprement renoncer à Jésus Christ*”³⁹². Manter uma religião apenas exteriormente – o que significava manter outra privadamente, fazendo desta uma

³⁸⁸ “derrubar os propósitos dos que, tanto pela investigação da sua genealogia divulgada e impressa publicamente, quanto por não sei que populacho, confusão e outros meios freqüenta servidores, ou antes exércitos, para realizar so empreendimentos que seu Pai e Tio deixaram-lhes por testamento”, *ibid.*, p.7.

³⁸⁹ “é preciso que ele se acomode em fazer profissão pública da antiga religião de todos os seus predecessores”, *ibid.*, pp.21-22.

³⁹⁰ “mesmo que o Rei nosso senhor não seja Católico no coração, ele o deve ser na boca e no exterior”, *ibid.*, pp.22-23.

³⁹¹ “que os grandes Príncipes sempre preferiram seu Estado ao exercício público da sua religião”, *ibid.*, pp.27-28.

³⁹² “Acomodar-se em questão de religião”, “é propriamente renunciar a Jesus Cristo”, *ibid.*, p.46.

experiência secreta, vivida apenas “*au coeur*” – era retirar dela a sua importância, era considerar que fazer profissão de fé não tinha valor algum, que a palavra estava descolada do sentimento e da vivência religiosa. A sugestão de Roquelaure, além do mais, tornava desnecessária a reforma da Igreja, e sem sentido a luta pela verdadeira fé, ridicularizando as conversões protestantes:

*Cuidez-vous que tant d'excellents personnages eussent pris plaisir à se faire brûler pour peu de choses ? Que tant d'autres qui ont abandonnés leurs biens, leurs états, femmes et enfans pour suivre la religion, s'ils n'étaient bien résolus qu'il n'y va rien moins que du salut de leur âmes?*³⁹³

A fala de Mermet é mais propriamente uma defesa da religião, da expressão e da experiência pública da fé, do que do protestantismo. A exposição de Roquelaure obriga-o a isso, pois, fundamentalmente, o primeiro conselheiro a falar havia sugerido ao rei adotar uma postura não-religiosa com relação à religião. Antes de defender a sua igreja, Mermet precisa portanto reafirmar a importância da igreja, o seu lugar na vida pública. O terceiro conselheiro presente à reunião, o embaixador Du Ferrier, ao ser inquirido por Navarra sobre a sua posição no debate, resume as falas ouvidas como sendo fruto de duas mentes distintas: Mermet recorreu às Escrituras, que são a essência da defesa da religião; Roquelaure o que fez foi “*traiter de la religion autrement que par l'autorité de l'écriture*”³⁹⁴. Aquele primeiro, Mermet, falou como teólogo, o segundo, como “*homme d'état*”³⁹⁵. Pelos argumentos apresentados, Du Ferrier reconhece em Roquelaure um *politique*:

*il y a une autre espèce de Catholique, qui s'appelle politiques, du nombres desquels je tiens monsieur de Roquelaure : qui ne désirent point tant que changiez de religion pour zèle qu'ils aient à la leur, que pour les maux et misères qu'ils craignent et prévoient devoir advenir, si vous ne le faites. Et ceux-ci sont d'autant plus digne de réponse, que leur crainte procède d'une piété qu'ils ont à leur patrie, et d'une sincère affection qu'ils vous portent Sire*³⁹⁶.

³⁹³ “Vós achais que tantos excelentes personagens teriam tido prazer em serem queimados por pouca coisa? Como tantos outros que abandonaram seus bens, seus estados, mulheres e filhos para seguir a religião, se eles não estiverem inteiramente seguros que não se trata de nada menos do que a salvação das suas almas?”, *ibid.*, p.44.

³⁹⁴ “tratar da religião sem ser pela autoridade da Escritura”, *ibid.*, p.66.

³⁹⁵ “homem de estado”, *ibid.*, p.65.

³⁹⁶ “há uma outra espécie de Católico, que se chama *politiques*, entre os quais insiro o senhor de Roquelaure; que não desejam tanto que mudeis de religião por zelo que eles têm à deles, quanto por causa dos males e misérias que eles temem e prevêm deverem acontecer, se vós não o fizerdes. E esses são tanto mais dignos de resposta pois seu temor procede de uma piedade que eles têm pela sua pátria, e de uma sincera afeição que eles têm por vós, Senhor”, *ibid.*, p.73

Mermet se cala. Roquelaure regozija-se do apoio recebido. A sua intenção, diz ele, não era colocar em dúvida a importância da religião na vida e na salvação dos homens, mas apenas deslocar a discussão para o espaço que acreditava ser próprio ao rei, e sob cuja perspectiva ela deveria ser tratada, evitando a questão religiosa porque intransponível, pois “*il appartient à Dieu seul à toucher les coeurs*”³⁹⁷.

*Ce que j’ai avancé, non que je ne fusse trop plus aise de le voir bon Catholique tout à fait. Mais pour ce que si j’eusse entrepris cela, vous m’eussiez quant et quant enclos dans la dispute de la religion, qui est un labyrinthe d’où on ne sort jamais*³⁹⁸.

O seu intuito era dar ao rei o conselho que lhe permitiria trazer de volta a paz ao reino, pois, diz Roquelaure, “*je ne cherche que la paix et bien publique*”³⁹⁹. Quando à religião, “*Je laisse (...) à part la dispute de la religion, jusqu’à ce qu’on y puisse remédier par un Concile bien et légitimement assemblé*”⁴⁰⁰.

A posição de Du Ferrier, semelhante à de Roquelaure quanto à necessidade primeira do rei de restabelecer a paz, difere dela no entanto no que tange à conversão. Se ela fosse imediata, feita às pressas, Henrique III suspeitaria de um gesto de puro interesse, e as desconfianças permaneceriam entre os dois. “*Il faut donc chercher d’autres moyens*”⁴⁰¹. Mantendo-se protestante apesar mesmo das ofertas de favorecimento, Navarra provaria ao rei a sua sinceridade, e por ela poderia aproximar-se dele. O caminho indicado era portanto

*faire paraître à sa Majesté par tous vos déportements, que vous aimez ce qu’il aime, et êtes ennemis de ses ennemis. Que vous êtes plus désireux de sa santé, de son repos, de son contentement que du votre propre, et fuir soigneusement toutes les occasions de soupçon, jalousie ou défiance. Cela étant, ne doutez point qu’il ne vous aime plus que si vous étiez le plus grand Catholique de France*⁴⁰².

³⁹⁷ “compete apenas a Deus tocar os corações”, *ibid.*, p.23.

³⁹⁸ “O que apresentei, não que eu não preferisse vê-lo bom Católico inteiramente, mas porque se eu tivesse proposto isso, vós me teríeis ao mesmo tempo prendido na discussão sobre a religião, que é um labirinto do qual não se sai nunca”, *ibid.*, p.23.

³⁹⁹ “eu busco apenas a paz e o bem público”, *ibid.*, p.21.

⁴⁰⁰ “eu deixo (...) de lado a discussão sobre a religião, até que se possa remediá-la por um Concílio bem e legitimamente reunido”, *ibid.*, pp.21-22.

⁴⁰¹ “É preciso então buscar outros meios”, *ibid.*, p.68.

⁴⁰² “fazer parecer à sua Majestade por todos os seus gestos, que vós amais o que eles ama, e sois inimigo dos seus inimigos. Que desejais mais a sua saúde, a sua tranqüilidade, o seu contentamento do que o vosso próprio, e fugir cuidadosamente todas as ocasiões de suspeita, ciúme ou desconfiança. Isso posto, não duvidai que ele não vos ame mais do que se fosses o mais Católico da França”, *ibid.*, p.68.

Uma religião e outra “*ne concernent que le salut de vos âmes*”⁴⁰³, e decidir entre elas não interferiria na forma como os súditos amariam e obedeceriam ao rei justo e virtuoso.

*Ainsi sera-t-il de vous, Sire, si vous êtes bon Prince que le Catholique et le Huguenot ait occasion de se contenter de vous, l'un et l'autre vous aimera, et vous obéira fidèlement. Si au contraire vous faites, croyez qu'il n'y a religion au monde qui puisse persuader un peuple que le Prince soit aimé de Dieu, ni homme de bien duquel il est mal traité*⁴⁰⁴.

O debate entre Roquelaure, Mermet e Du Ferrier vai destarte da conversão por interesse, e de aparência, à afirmação de que o pertencimento religioso era determinante, passando por uma não-conversão que, no entanto, evitava indispor-se com o rei e acreditava mesmo que a solução para Navarra (que não era outra senão a solução para a França) era a coexistência de católicos e protestantes. Ainda que Du Ferrier credite a opinião de Roquelaure ao partido dos *politiques*, é a sua própria posição a que mais se aproxima daquela desenvolvida por este grupo desde a chancelaria de Michel de L'Hospital. A morte de Alençon-Anjou e as discussões sobre a sucessão real representaram uma mudança significativa no cenário de crise aberto na França pela Reforma, introduzindo uma transformação na dinâmica do conflito: aos três partidos básicos – o católico intransigente, o protestante e o real –, que vinham recebendo adesões pontuais, como a dos *Malcontents*, soma-se um quarto partido, o dos *politiques*.

Apesar de participarem das discussões acerca da crise aberta pela Reforma desde 1560, os *politiques* tornaram-se um grupo, e depois um partido incontornável no debate, apenas na década de 1580. Antes dela, a sua presença era sentida na defesa de idéias como a da tolerância civil. Sem serem o partido dominante, os *politiques* haviam feito parte do governo de L'Hospital – em 1589 o autor de *La Vie et condition des politiques et athéistes de ce temps* perguntará: “*quel Chancelier aviez vous ? n'était-ce pas un politique allait-il pas à la Messe et ne l'aimait pas, et trahissait Jésus Christ?*”⁴⁰⁵ –, e estiveram envolvidos nas decisões de Catarina de Médici e Carlos IX após o afastamento do chanceler,

⁴⁰³ “concernem apenas a salvação das nossas almas”, *ibid.*, p.68.

⁴⁰⁴ “Assim será convosco, Senhor, se fordes bom Príncipe, se o Católico e o Huguenote tiverem ocasião de se contentarem convosco, um e outro vos amará, e vos obedecerá fielmente. Si fizerdes o contrário, crede que não há religião no mundo que possa persuadir um povo de que o Príncipe seja amado por Deus, nem que seja homem de bem quando maltrata”, *ibid.*, p.83.

⁴⁰⁵ “que Chanceler tínheis? não era ele um *politique*, não ia à missa sem amá-la, e traía Jesus Cristo?”, Dieudonné, 1589, p.19.

defendendo, nas discussões contemporâneas, a necessidade da paz frente ao caos produzido pelas guerras, e do fortalecimento da autoridade do rei. São essas duas propostas somadas que levam os *politiques* a desenvolverem a idéia de que a ampliação dos conflitos, a partir da década de 1550, e o início e a repetição das guerras civis depois de 1562 – apesar das várias tentativas de pacificação – deviam-se à inadequação da perspectiva segundo a qual o problema era apreendido.

A sua filosofia passará então a conceber uma outra via de ação. Onde a ordem tinha sido a da reunião dos franceses em uma só Igreja, extinguindo o protestantismo no reino, os *politiques* irão propor uma reunião cuja base era o pertencimento ao reino, que significava sujeição ao rei, e o adiamento – provisório – da questão religiosa em favor de uma solução pontual para a guerra civil. Henri Hauser explica que

*c'est de l'horreur même et de l'inutilité de la guerre civile que, dans la France meurtrie, et menacée de destruction, sort le parti des « Politiques », de ceux qui mettent la polis au-dessus de tout. Puisqu'il est impossible de réaliser l'unité religieuse de l'État, il faut se résigner à ce pis aller, laisser cœxister, au moins provisoirement, deux religions en un État*⁴⁰⁶.

Aliados a Henrique de Navarra, os *politiques* estarão profundamente envolvidos nos debates e nos confrontos da oitava guerra de religião, formando progressivamente um clima favorável à tolerância civil, resumida e aplicada pelo édito de Nantes, de 1598.

Apresentada publicamente por Michel de L'Hospital em 1561, a idéia da tolerância será inicialmente mal vista pela maioria das lideranças civis e religiosas e da população francesa. Seus pressupostos eram a argumentação favorável à liberdade de culto e de consciência. Essa não era uma posição banal. Custou-lhes, em primeiro lugar, o nome: o epíteto “*politiques*” foi-lhes dado pelos seus adversários, que consideravam o termo sob uma perspectiva negativa. O *político* estava relacionado ao que não era da religião e não concebia o mundo nem sua ordem como emanando dela. Quando se acredita que só pode haver uma religião, e que esse é o bem supremo a proteger, admitir que há outro maior, o bem comum, é por si só heresia. Antes, portanto, de se poder mesmo defender a

⁴⁰⁶ “é do horror mesmo e da inutilidade da guerra civil que, na França ferida, e ameaçada de destruição, sai o partido dos “*Politiques*”, dos que colocam a polis acima de tudo. Posto que é impossível realizar a unidade religiosa do Estado, é preciso resignar-se a esse mal menor, deixar coexistirem, ao menos provisoriamente, duas religiões em um Estado”, Hauser, 1963, p.48.

existência de uma segunda religião, conceber outra instância acima da religião era já pecado suficiente.

Quando explodem as primeiras guerras civis, o adjetivo *politique* ganha um sentido eminentemente pejorativo; ele se refere a homens que, aparentemente, mantêm-se indiferentes ante à crise religiosa aberta pela Reforma protestante, e que são, às vezes, tidos por ateus. Em 1573, o primeiro presidente do parlamento de Rouen declara, aos estados da Normandia, que “*on a nouvellement introduit et interprété ce mot politique quasi: n’étant d’aucune religion*”⁴⁰⁷. Em 1564, o cardeal de Granvelle dizia do almirante Gaspar de Coligny:

*Bien suis-je pour moi en opinion que spécialement l’Amiral se soit plus servi de la religion pour prétexte, et pour faire ses affaires et parvenir à ses desseins (...) et le tiens pour plus politique, comme ils appellent en France, que pour dévot*⁴⁰⁸.

E ainda, em 1569, Gabriel de Saconay, cônego da catedral de Saint-Jean, no seu *Discours des premiers troubles advenus à Lyon*, explica que

*ainsi conduisaient leurs menées ces politiques mondains, c’est-à-dire, en bon français, qu’ils n’ont cure de Dieu ni de religion aucune, mais seulement de poursuivre leurs desseins selon leurs ambitieuses fantaisies*⁴⁰⁹.

Vinte anos mais tarde, em 1589, a divergência entre católicos intransigentes e *politiques* havia se tornado central nas guerras de religião. Nesse ano, Henrique de Navarra declara: “*Aujourd’hui c’est hérésie, que d’être Politique*”⁴¹⁰. Entre as inúmeras publicações em que aqueles primeiros descreviam essa nova espécie de heresia está *La Vie et condition des politiques et athéistes de ce temps*, de Dieudonné, que descreve minuciosa e longamente o significado da palavra, os inícios do partido e seus propósitos:

Il faut parler de nos Athéistes Politiques. Mais parce que ce nom comme beaucoup d’autres qui étaient en rang d’honneur par la nécessité des injures en a été dejecté et est entré en mépris, que je vois beaucoup de nos Requatholiqués Royaux faire les Ignorants: Avant que passer plus outre je leur en ferai une petite et sucinte description, cela ne nuira aucunement à ce que je prétend vous dire. Le Politique de notre temps donc est un traître qui sous couleur de sainteté commet toutes les ordures et les méchancetés du monde, est habillé de la peau de l’Agneau, et

⁴⁰⁷ “recentemente se introduziu e interpretou essa palavra *politique* assim: não sendo de nenhuma religião”, apud Jouanna, op.cit., p.256.

⁴⁰⁸ “Sou da opinião de que o Almirante especialmente se serviu da religião como pretexto, e para concluir seus negócios e realizar seus objetivos (...) e o tenho mais por *politique*, como eles chamam na França, que por devoto”, apud Jouanna, op.cit., p.256.

⁴⁰⁹ “Assim conduziam suas tramas esses *politiques* mundanos, quer dizer, em bom francês, que eles não se importam com Deus nem com nenhuma religião, mas somente em perseguir seus objetivos segundo suas ambiciosas fantasias”, Saconay, 1569, s/p.

⁴¹⁰ “Hoje é heresia ser *Politique*”, Henri IV, 1589-a, s/p.

néanmoins est loup enragé sous l'accoutrement qui a appris de longtemps sous ces trahisons de cour à piper tout le monde : Au lieu de favoriser les gens de vertu : qui les détruit, s'il en voit l'occasion : qui établit toutes personnes près de lui et aux charges publiques qu'il connaît être sans consciences et sans religion, qui sauront porter et dorer une fausse accusation, un faux témoignage, donner une fausse sentence aux dépens de l'innocent, que monsieur le Politique aura à contre coeur (...) Qui va à la Messe, ne parle extérieurement que de Dieu, que de rétablir les temples, qui déteste les hérétiques qui n'aime toutefois Dieu ne va à la Messe que pour se truffer et pour nous ôter le jugement de sa méchanceté, que ne délibère en son conseil que d'établir en France l'hérétique (...). Qui se protestait Catholique et néanmoins faisait venir une fourmilière de cette vermine de Reîtres athéistes pour nous égorger. (...) Voilà en bref que c'est qu'un politique cette maladie cachée, intérieure, et très périlleuse qui nous gâte. (...) Venons à nos jours : fussent point les Politiques qui gardèrent que cette seconde Genève la Rochelle ne fut réduite, qui doute qu'elle n'eut été enlevée ? (...) Tu en as eu tyran et ta vermine de Machiaveliste les trésors et notre bon Prince le Duc Daumalle y reçu son chapeau de martyr ne fut-ce pas là que fut résolue la mort par empoisonnement, de feu, Charles neuvième ? Parce qu'il avait tant en horreur cette vermine et commençait à avoir l'âge et le discours de discrétion qui lui faisait reconnaître qui étaient les traîtres de Politiques et ne s'en voulait finir ? (...) Qu'ont fait depuis ce temps les Politiques ? qui a ruiné le peuple sous cause fausse par tant d'horribles et tyranniques inventions ? (...) Qui a chassé nos Princes, bourrelé les gens de bien, causé la paix avec l'hérétique élevé, et enflé le huguenot, fait venir les reîtres en France, que l'on tenait pour ruinée ? ont-ce pas été les politiques ? Je serais trop long à représenter les maux qui nous sont venus de cette vermine de politiques : je dirai toutefois encore qu'aux pervers et détestables conseils de ces Politiques, il était résolu que la ville de Paris serait incendiée et les Princes Catholiques et bons bourgeois zélés cruellement mis à mort, et de là tous les gens de la campagne et des autres villes. (...) Les Politiques (...) ils parlent bas, ils voudraient bien que l'on cru qu'ils sont des nôtres ⁴¹¹.

⁴¹¹ “É preciso falar dos nossos Ateus *Politiques*. Mas porque esse nome, como muitos outros que estavam em categoria honrosa, pela necessidade das injúrias foi enfeitado e entrou em desprezo, pois vejo muitos dos nossos Recatolicizados Reais fingirem-se de Ignorantes. Antes de passar para outra coisa, eu farei deles uma pequena e sucinta descrição, o que não atrapalhará em nada o que pretendo lhes dizer. O *Politique* do nosso tempo, portanto, é um traidor que sob figura de santidade comete todas as baixezas e maldades do mundo, veste-se com a pele do Cordeiro, e no entanto é lobo raivoso sob o atavio que aprendeu há muito tempo sob essas traições de corte a marcar todo mundo. Em lugar de favorecer as pessoas virtuosas: que as destrói, se encontra ocasião: que estabelece todas as pessoas perto dele e nos cargos públicos que ele sabe serem sem consciência e sem religião, que saberão manter e dourar uma falsa acusação, um falso testemunho, dar uma falsa sentença às custas do inocente, que o senhor *Politique* tiver a contragosto (...) Que vai à Missa, fala externamente apenas de Deus, de reconstruir os templos, que detesta os hereges, que ama entretanto Deus e vai à Missa apenas para se pavonear e para nos suprimir o julgamento da sua malvadeza, que só delibera no seu conselho sobre estabelecer o herege na França (...) Que se protestava Católico e no entanto fazia vir um formigueiro desses vermes de Mercenários ateus para nos degolar. (...) Eis brevemente o que é um *Politique*, essa doença escondida, interior, e muito perigosa que nos estraga. (...) Venhamos aos nossos dias: não foram os *Politiques* que impediram que essa segunda Genebra La Rochelle fosse reduzida, que dúvida que ela teria sido tomada? (...) Tiveste, tirano, e teu verme de Maquiavelista, tesouros e nosso bom Príncipe o Duque d'Aumale recebeu aí o seu chapéu de mártir, não foi aí que foi decidida a morte por envenenamento do falecido Carlos IX? Porque ele tinha tanto horror desse verme e começava a ter a idade e o discurso de discrição que o fazia reconhecer quem eram esses traidores *Politiques*, e não queria desfazer-se deles? (...) O que fizeram depois disso os *Politiques*? quem arruinou o povo sob falsa causa, por tantas horríveis e tirânicas invenções? (...) Quem expulsou nossos Príncipes, atormentou as pessoas de bem, negociou a paz com o herege rebelado, e inflamou o huguenote, vez virem os mercenários à França, que tínhamos por arruinada? não foram os *politiques*? Eu me alongaria

Por outro lado, *politique* ele mesmo, Étienne Pasquier dava uma interpretação diferente para o novo uso da palavra. Em 1560, o jurista e historiador havia publicado, ao fim do primeiro livro das suas *Recherches de la France*, o opúsculo *Pourparler du Prince*, em que quatro personagens discutiam qual seria a natureza do poder. No debate imaginado por Pasquier, era o *Politique* que apresentava e defendia a opinião de que a função do rei era dedicar-se a suprir as necessidades dos seus súditos, empenhando-se no que fosse útil ao reino, e não aos seus próprios interesses. Opondo-se às opiniões do *Philosophe*, do *Escolier* e do *Courtizan* (por vezes chamado de *Curial*), o *Politique* resumia seu argumento acerca do papel do príncipe com os seguintes termos:

*Cette conclusion est bonne, et qui dû être engravée en la tête des Princes, que toutes choses sont mauvaises en un Roi, qui n'avise pas le bien public (...) car tout le but, dessein, projet, et Philosophie d'un bon Roi, ne doit être que l'utilité de son peuple*⁴¹².

O *politique* aparece então no *Pourparler du Prince* como um conhecedor privilegiado da arte de governar, analisando os mecanismos do poder como um técnico, e servindo-se do seu conhecimento para atingir o que considerava ser o objetivo dos governos humanos: garantir a paz e o bem comum. Este *politique* é uma derivação da *police* segundo o entendimento que também se tinha dela ainda em 1567, quando um tratado assinado por um certo Guillaume de la Perriere, intitulado *Le Miroir politique*, descreve assim a origem da palavra e o seu significado:

Police est une diction dérivée de politeia diction Grecque, que nous pouvons interpréter en notre langue Civilité. Et ce que les Grecs appellent Gouvernement Politique, les latins l'appellent Gouvernement de République ou Civile société. Toutes cités & civiles sociétés sont constituées à cause & pour grâce de parvenir à quelque bien. Car tous ceux qui entr'eux font alliance & confédération de société, ils font le tout pour l'amour de parvenir à ce qui leur semble bon, utile, joyeux ou honnête. Faut donc nécessairement conclure que toutes cités & civiles sociétés sont

demaís para representar os males que nos vieram desse verme *politique*: diria no entanto ainda que pelos perversos e detestáveis conselhos desses *Politiques*, estava decidido que a cidade de Paris seria incendiada e os Príncipes Católicos e bons burgueses zelosos cruelmente mortos, e depois toda a gente do campo e das outras cidades. (...) Os *Politiques* (...) falam baixo, eles queriam mesmo que achássemos que eles eram dos nossos”, Dieudonné, op.cit., pp.17-22.

⁴¹² Essa conclusão é boa, e deveria ser gravada na cabeça dos Príncipes, que todas as coisas são más em um Rei, que não visa o bem público (...) pois todo objetivo, intenção, projeto e Filosofia de um bom Rei, deve ser apenas a utilidade do seu povo”, Pasquier, 1560, p.233.

*pour aucun bien constituées, & pensent toutes que pour leur assemblément elles puissent parvenir à quelque bien*⁴¹³.

Segundo o *Miroir politique*, *política* e seus derivados remetiam originalmente aos assuntos da República, da sociedade civil. E o seu sentido, a sua função, a sua razão de ser era relacionado ao bom funcionamento da cidade. No século XVI, o que caracterizava a abordagem política era o fato de ela ser essencialmente humana e pragmática, significado que será, do decorrer das guerras de religião, experimentado na forma do desligamento entre as necessidades do Estado e as da Igreja. Progressivamente, duas interpretações distintas e opostas da política serão construídas nesse período: por um lado, os católicos conservadores desenvolverão um entendimento negativo do termo, em que a atitude política é aquela que desconsidera as questões que dizem respeito à religião. Por outro, os *politiques* julgarão positiva a interpretação segundo a qual o problema da religião não cabia aos homens solucionar, e, ao contrário, o da sociedade civil era da sua inteira responsabilidade, pois, para eles, tornava-se imperativo o restabelecimento da ordem no reino, mesmo que a isso correspondesse admitir dentro dele uma segunda confissão. Segundo Arlette Jouanna, por volta de 1580,

*l'adjectif politique, rarement substantivé, désigne l'attitude intellectuelle qui consiste à considérer les sociétés d'un point de vue purement humain, « technique » en quelque sorte, en mettant entre parenthèses (mais sans les nier) leurs finalités spirituelles*⁴¹⁴.

Em 1584, quando morre o duque de Alençon-Anjou, um grupo específico de católicos⁴¹⁵, que nas últimas décadas havia se aproximado dos protestantes

⁴¹³ “*Police* é uma dicção derivada de *politeia* dicção grega, que podemos interpretar na nossa língua como Civilidade. E o que os gregos chamam Governo Político, os latinos chamam Governo da República ou sociedade Civil. Todas as cidades e sociedades civis são constituída por causa e objetivo de realizar algum bem. Pois todos aqueles que fazem entre si aliança e confederação de sociedade fazem-no por amor de realizarem o que lhes parece bom, útil, feliz ou honesto. É preciso portanto concluir necessariamente que todas as cidades e sociedades civis são constituídas para algum bem, e pensam todas que pela sua reunião elas podem realizar algum bem”, Perriere, 1567, s/p.

⁴¹⁴ “o adjetivo *politique*, raramente substantivado, designa a atitude intelectual que consiste em considerar as sociedades de um ponto de vista puramente humano, “técnico” de certa forma, colocando entre parênteses (mas sem negá-las) as suas finalidades espirituais”, Jouanna, op.cit., pp.254-256.

⁴¹⁵ Na sua imensa maioria, os *politiques* eram católicos, mas havia protestantes que, compartilhando as suas idéias (e sobretudo a lógica da necessidade urgente da paz que estavam elaborando), haviam se juntado a eles na defesa da noção de tolerância civil. O melhor exemplo desses protestantes, fiéis companheiros de Henrique de Navarra, é Philippe Duplessis-Mornay, que, para Joseph Lecler, “*parle et écrit souvent comme un Politique*” (Lecler, op.cit., p.510).

moderados e de Henrique de Navarra e que acreditava na distinção em termos de função e portanto na separação necessária entre Igreja e Estado, é designado com repulsa pelo partido católico como *politique*. Para se oporem à possibilidade de um príncipe protestante suceder a Henrique III, os católicos intransigentes apóiam-se nas ligas nobiliárquicas e plebéias, voltando suas críticas especialmente contra esse partido. Segundo Bernard Cottret, “*la mort de François d’Anjou-Alençon, en 1584, avait constitué un tournant important, en entraînant une radicalisation sans pareille du mouvement ligueur*”⁴¹⁶, que identifica nos *politiques* o inimigo a combater primordialmente.

Para as ligas, considerar uma situação sob uma perspectiva política significava considerá-la por um ângulo não-religioso, mais: era ter sobre ela um entendimento que era anti-religioso. A idéia de que ao príncipe cabia ocupar-se do Estado, e não da religião, estava certamente de acordo com a perspectiva *politique*, mas a Liga esforçava-se em divulgar a imagem sugerida por afirmações como a que o autor do *Double d’une lettre* pôs na boca de Roquelaure, a quem chamou de *politique*: ao dizer cruamente que “*les grands Princes ont toujours préféré leur État à l’exercice public de leur religion*”⁴¹⁷, Roquelaure, católico aliado a Henrique de Navarra, encarnava o personagem ateizante que os católicos intransigentes pretendiam enfrentar.

Os *politiques* eram assim o pior inimigo a combater – segundo um panfleto citado por Arlette Jouanna, “*encore pires et plus dangereux que les hérétiques*”⁴¹⁸. Eram católicos que se recusavam a lutar pela sua religião, preferindo submetê-la à ameaça protestante a defendê-la, por considerarem mais importantes as necessidades do Estado – afirmação em que os católicos intransigentes não acreditavam, alegando em relação aos *politiques* o que já haviam dito sobre os protestantes e os *Malcontents*, isto é, que eles lutavam apenas pelos seus próprios interesses. As ligas, ao contrário, agiam pelo bem comum que para elas era o bem da religião: sem Igreja, não havia francês a salvo da heresia e do inferno. Para os *politiques*, o bem comum era outro, era o desenvolvimento do reino na direção da

Depois da conversão de Navarra ao catolicismo, o partido dos *politiques* e o partido de Navarra confundir-se-ão.

⁴¹⁶ “a morte de François d’Anjou-Alençon, em 1584, havia constituído uma viragem importante, levando a uma radicalização sem igual do movimento *ligueur*”, Cottret, op.cit., p.141.

⁴¹⁷ “os grandes Príncipes preferiram sempre seus Estados ao exercício público da sua religião”, *Double d’une lettre...*, op.cit., pp.27-28.

⁴¹⁸ “ainda piores e mais perigosos do que os hereges”, *Mémoire du 23 août 1568* apud Jouanna, op.cit., p.175.

manutenção da segurança, da paz e da estabilidade civil, era a afirmação do interesse maior da república, da função do rei de agir “*pour le bien de cet État*”⁴¹⁹, e da relação particular que ligava o Estado aos cidadãos, relação cujo fundamento não era a religião e cujo sentido não era defendê-la, mas defender a eles, cidadãos franceses, nas suas necessidades seculares, e ao reino.

Para atacar os *politiques*, para desacreditá-los, o partido católico recorre à publicação de panfletos, libelos, tratados, epístolas e diálogos em que o grupo é retratado ao mesmo tempo como inimigo da religião e do reino – o seu objetivo, terreno, é o oposto do objetivo sagrado que os católicos conservadores defendiam para o rei. Serão dessa forma as ligas as responsáveis pela reunião dos *politiques* em um partido, além de dar-lhes o apelido, pois para responder aos seus ataques, também os *politiques* publicarão panfletos, libelos, tratados, epístolas e diálogos contra a intransigência católica, definindo assim suas linhas de ação e uma filosofia política particular.

Desde antes da morte de Alençon-Anjou, o partido católico preparava-se, como também se preparavam Henrique III e os *politiques*, para enfrentar a eventualidade de um herdeiro protestante para o trono francês. Em 31 de dezembro de 1584 os Guise assinavam com os enviados de Felipe II o tratado de Joinville, no qual ficava definido que o herdeiro do trono a ser apoiado pela Liga seria o cardeal de Bourbon, e que a Espanha enviaria mensalmente 50 mil escudos para a manutenção da Liga⁴²⁰. A partir de então as publicações contra Henrique III, Navarra e os *politiques* tornam-se mais freqüentes. As genealogias, que já haviam começado a circular em 1583, multiplicam-se. Duplessis-Mornay escreve outra resposta às publicações que defendiam o direito dos Guise à Coroa, fazendo menção novamente ao texto de Rosière, “*ce livre (...) publié à Paris et par toute la France*”⁴²¹,

*il y a quatre ou cinq ans composé par un des Rozieres Archediacre de Toul, auquel par passages faux et supposés et tirés outre et contre leur sens, Ledit des Rozieres tâche d'éprouver que ceux de cette maison sont descendus de Pharamond et de ligne en ligne continués jusqu'à eux, c'est à dire, que cette Couronne leur appartenait devant que Capet, Charles, et Méroée et leurs races fussent jamais appelés à la Couronne*⁴²².

⁴¹⁹ “para o bem deste Estado”, *Double d'une lettre...*, op.cit., pp.22.

⁴²⁰ Mariéjol, op.cit., p.267.

⁴²¹ “esse livro (...) publicado em Paris e por toda a França”, Mornay, 1585, p.5.

⁴²² “há quatro ou cinco anos composto por um des Rozieres Arquidiácomo de Toul, no qual por passagens falsas e supostas e excluídas e contra os seu sentido, o dito des Rozieres trata de provar que os dessa casa são descendentes de Faramundo, e de linha em linha contínua até eles, quer

Os Guise ainda tinham, diz essa *Responce aux declarations & protestations de Messieurs de Guise, faictes sous le nom de Monseigneur le cardinal de Bourbon, pour justifier leur injuste prise des armes*⁴²³, de Mornay, o mesmo propósito que os guiava desde o reinado de Henrique II: tomar a Coroa. Com esse intuito haviam criado a Liga, “*cette Ligue (qu’ils appellent Sainte)*”, e que fazia, de uma “*feinte dévotion, une vraie conjuration contre l’État*”⁴²⁴. Publicações como a de Rosières somavam-se ao discurso *ligueur* para construir os “*vains prétextes*”⁴²⁵ que os católicos intransigentes apresentavam para justificar a sua ação. A todo momento “*ils prient le Roi de ne point mal penser d’eux*”⁴²⁶, e asseguram-no “*que c’est pour son bien, qu’ils n’ont tous juré que son service*”⁴²⁷. Mas a quantidade de “*protestations*”⁴²⁸ apresentada pelos Guise a cada movimento armado era transformada por Mornay em uma prova da desonestidade do partido católico. Segundo ele, as justificativas oferecidas variavam de acordo com o público que se queria atingir:

*Aux uns ils jurent l’extirpation de la Religion contraire, aux autres n’en sonnent mot (...) Aux uns ils veulent que le Roi nomme un successeur en son État, aux autres ils laissent cet article en arrière*⁴²⁹.

Tal inconstância na verdade seria apenas fruto da necessidade de conquistar adesões a uma causa que não estava exposta em nenhum desses discursos (acusação que também a Liga fará contra os *politiques*). Por mais que o partido católico intransigente repetisse a sua motivação, e quantos fossem os argumentos empregados para embasá-la, os franceses não deveriam se deixar enganar, pedia Mornay, pois

la vraie cause c’est l’ambition de gouverner et de régner, c’est la dissipation de notre État pour en emporter une pièce, et y introduire l’Étranger, c’est une

dizer, que essa Coroa lhes pertence antes que Capeto, Carlos e Meroveu e suas raças fossem chamadas à Coroa”, id., ibid., p.5.

⁴²³ A *Responce* teve pelo menos oito edições em 1585, sete delas com o título de *Advertissement sur l’intention et but de Messieurs de Guise en la prise des armes*. A *Responce* é mais longa do que as demais edições, trazendo ao final uma exortação em favor da Coroa e contra os Guise intitulada *Ce sont les premiers Espagnols Français*.

⁴²⁴ “devoção fingida, uma verdadeira conjuração contra o Estado”, id., ibid., p.67.

⁴²⁵ “vãos pretextos”, id., ibid., p.62.

⁴²⁶ “eles rogam ao Rei que não pense mal deles”, id., ibid., p.64.

⁴²⁷ “que é pelo seu bem, que eles juraram todos apenas o seu serviço”, id., ibid., p.64.

⁴²⁸ “protestações”, id., ibid., p.19.

⁴²⁹ “Em umas eles juram a extirpação da Religião contrária, nas outras não dizem palavra (...) Em umas eles querem que o Rei nomeie um sucessor no seu Estado, nas outras deixam esse artigo para trás”, id., ibid., pp.19-20.

continuation du dessein qu'ils ont eu de longtemps, et duquel les mémoires furent découverts dès l'an cinq cent soixante seize⁴³⁰, et lequel se manifeste aujourd'hui plus clairement selon qu'il s'approche plus de l'exécution, et nous du danger⁴³¹.

Os estrangeiros a que Mornay faz alusão são os espanhóis, que desde a entrevista de Bayonne, em 1565, e sobretudo depois da assinatura do tratado de Joinville, em 1584, eram suspeitos pelos huguenotes de planejarem a eliminação de todos os protestantes da Europa, a começar pela França e pelos Países Baixos. Incentivado por Felipe II, o partido católico intransigente usava a religião como uma desculpa para fazer, de uma guerra movida por interesses pessoais, uma cruzada contra a heresia.

La Religion leur servait de sujets à entretenir ces misères civiles, et ne s'appercevait-on du premier coup qu'ils abusaient sous ce beau titre de la dévotion de nos Princes et du zèle de notre nation à leurs desseins⁴³².

A verdadeira intenção dos Guise e de seus partidários vinha se tornando progressivamente mais clara, segundo Mornay, depois da morte de Alençon-Anjou. A iminência da crise em que a falta de um herdeiro direto deixava o reino tornava mais violentas as afirmações da Liga sobre Henrique de Navarra e sobre a sucessão de Henrique III, “*or Dieu ayant retiré de ce monde Monseigneur frère du Roi, ils pensèrent que la saison était venue qu'ils devaient penser à l'effet de leurs anciens desseins*”⁴³³. Quanto a Navarra, o partido católico insistia no fato de ele ser um “herege”, e concluía que, sob o seu comando, a religião seria destruída. A quem afirmava que Navarra era o herdeiro legal do trono, segundo a lei sálica, os *ligueurs* propunham em seu lugar o cardeal de Bourbon, que, tio de Navarra, tinha um grau de parentesco mais próximo de Henrique III⁴³⁴. Depois do tratado

⁴³⁰ Mornay faz referência aqui ao manifesto feito pela Liga durante os estados gerais de Blois, em 1576.

⁴³¹ “a verdadeira causa é a ambição de governar e reinar, é a dissipação do nosso Estado para levar um pedaço, e introduzir aí o Estrangeiro, é uma continuação da intenção que eles têm há muito tempo, e cujas memórias foram descobertas desde o ano de 1576, e que se manifesta hoje mais claramente dado que mais ele se aproxima a execução, e nós do perigo”, id., ibid., pp.62-63.

⁴³² “A Religião servia de motivo para realizarem essas misérias civis, e não nos apercebíamos de início que eles abusavam sob esse belo título da devoção dos nossos Príncipes e do zelo da nossa nação pelos seus propósitos”, id., ibid., pp.7-8.

⁴³³ “ora Deus tendo levado desse mundo Monseigneur irmão do Rei, eles pensaram que a estação tinha chegado, que eles deveriam pensar no efeito dos seus antigos propósitos”, id., ibid., p.19.

⁴³⁴ Navarra e Henrique III eram parentes em 21º grau. O cardeal de Bourbon, por ser da geração anterior na casa dos Bourbon, tinha um grau a menos o separando do rei (o ascendente comum de Navarra, do cardeal e de Henrique III era Luís IX). Ao indicar o cardeal como sucessor de Henrique III, o partido católico intransigente desenvolve a teoria da sucessão por *proximidade*, preterindo, em prol dessa, a regra da *primogenitura*. De acordo com a lei sálica, o herdeiro do trono era o parente, homem, mais próximo do rei morto pela linha direta dos primogênitos

de Joinville assinado com Felipe II, a Liga pretendia conseguir do rei a nomeação do cardeal como seu herdeiro legítimo desde logo. Para Mornay parecia estranho que, sendo o rei tão jovem e saudável, já se quisesse definir a sua sucessão; e sobretudo sendo o suposto herdeiro 28 anos mais velho do que Henrique III – em 1585, o cardeal tinha 62 anos, e o rei, 34. Segundo o autor, havia apenas uma forma de explicar a proposta dos Guise, a mesma, aliás, que poderia ser aplicada a qualquer iniciativa sua:

*s'armer dès cette heure pour une chose naturellement si lointaine, (...) qui peut-être de vingt ou trente ans ne nous peut arriver, et sous ce prétexte mettre cet état en feu, (...) c'est une trahison à cet état, c'est une conjuration contre le Roi*⁴³⁵.

A resposta da Liga às acusações de Mornay é rápida. No mesmo ano de 1585 Pierre d'Épinac, arcebispo de Lyon, publica uma *Response de par Messieurs de Guyse à un advertisement*. Sua primeira preocupação era reafirmar a lealdade dos Guise ao rei, e concluir daí que aqueles que os difamavam eram, eles, os verdadeiros inimigos do reino e da religião. Segundo Épinac, mesmo que, desde Francisco I até o presente Henrique III, a Coroa, os parlamentos e o povo tenham sempre perseguido e derrotado os da “*prétendue religion*”⁴³⁶, estes continuavam afirmando que eram os Guise os responsáveis pela repetição dos conflitos, e queriam desacreditá-los, e a todos os bons franceses que haviam lutado ao seu lado contra os protestantes, acusando-os de serem criminosos de lesa-majestade.

A intenção dos Guise, “*très humbles sujets et serviteurs qu'ils sont du Roi ses proches parents ses plus fidèles Conseillers*”⁴³⁷, havia sido sempre e unicamente a de defender ao mesmo tempo a religião e o rei. Era verdade, diz Épinac, que alguns mal-intencionados alegavam que a família lorena usava a questão religiosa como um pretexto para atingir supostos interesses particulares.

homens. Eram 20 gerações entre o cardeal de Bourbon e o rei, e 21 entre ele e Navarra. Mas o cardeal não era o primogênito entre os seus irmãos – o mais velho era Antoine de Bourbon, pai de Henrique de Navarra, e o seguinte era o príncipe de Condé, pai do companheiro de luta e primo de Navarra. Apesar de ter um laço de parentesco mais próximo do que este último, portanto, o cardeal não era, pela lei sálica, herdeiro do trono, dado que o direito de primogenitura apontava como *primeiro príncipe de sangue* Antoine de Bourbon, e, estando este morto, seu filho, Henrique de Navarra.

⁴³⁵ “armar-se desde agora para uma coisa naturalmente tão distante, (...) que pode ser que em vinte ou trinta anos não nos aconteça, e sob esse pretexto colocar este estado em fogo, (...) é uma traição a este estado, é uma conjuração contra o Rei”, id., ibid., pp.44-45.

⁴³⁶ “pretensa religião”, Épinac, 1585, p.3.

⁴³⁷ “muito humildes súditos e servidores são eles do Rei, seus próximos parentes, seus mais fiéis Conselheiros”, id., ibid., p.18.

Os Guise eram acusados de, “*sous le manteau de la Religion*”⁴³⁸, pretenderem na verdade “*s’adresser à l’état et à la personne du Roi*”⁴³⁹. A injúrias como essa, diz Épinac,

*les Princes Catholiques qui sont à présent armés (...) déclarent ouvertement (...) qu’avec la cause de DIEU, et la vérité de sa parole n’y veulent rien mêler de leur particulier, qu’au contraire ils n’ont autre chose devant les yeux (...) et ne se sont disposés d’employer leur vie et leurs moyens et ceux de leurs sujets que pour la seule querelle de Dieu et de son Église*⁴⁴⁰.

A discussão entre Mornay e Épinac seguia-se à deflagração da oitava guerra de religião. Com o apoio da Espanha, em março de 1585 os Guise haviam pegado em armas e reiniciado os confrontos contra os protestantes. Sem dinheiro, pressionado pelas ligas, pela Espanha e pelos exércitos comandados pelos partidários dos Guise, Henrique III – que, logo após a morte de Alençon-Anjou, havia indicado Navarra como o herdeiro do trono – é obrigado a tratar com os católicos intransigentes. Em 7 de julho é assinado o tratado de Nemours, negociado por Catarina de Médici. Como as ordenações de Saint-Maur, de 1568, este novo decreto anulava a liberdade de consciência e a (sempre relativa) liberdade de culto instituídas pelos éditos reais desde 1562. O rei comprometia-se a retomar a repressão, e a guerra, contra os protestantes. Reticentes quanto a novas reviravoltas na posição da Coroa – que consideravam não ser digna de confiança – os Guise exigem numerosas concessões do rei: Soissons passa para o controle do cardeal de Bourbon; Rue é entregue ao duque de Aumale; Beaune e o castelo de Dijon a Mayenne; Dinan e le Conquet a Mercœur; Verdun, Toul, Saint-Dizier e Châlons ao duque de Guise⁴⁴¹. Reaproximados da Coroa, os católicos intransigentes asseguravam ao rei que, tendo ele finalmente resgatado o seu lugar sagrado,

Dieu verra le coeur de ses sujets renversera ses ennemis assurera les trophées qui par ci-devant il a élevés de dépouilles des hérétiques, et que sa majesté viendra à bout de ce qu’elle a par tant de fois demandé à Dieu qui est l’extermination d’hérésie, rétablira son état régnera en paix assurée, et non incertaine, et Dieu enfin lui donnera des enfants ayant été peut être différé cette bénédiction jusqu’à ce que suivant la grâce de ses prédécesseurs, et que par ci devant il a si

⁴³⁸ “sob o manto da Religião”, id., ibid., p.17.

⁴³⁹ “dirigir-se ao estado e à pessoa do Rei”, id., ibid., p.17.

⁴⁴⁰ “os Príncipes Católicos que estão presentemente armados (...) declaram abertamente (...) que com a causa de DEUS, e a verdade da sua palavra não querem misturar nada do seu particular, que ao contrário eles não têm outra coisa diante dos olhos (...) e se dispuseram a empregar suas vidas e seus meios e os dos seus súditos apenas pela querela de Deus e da sua Igreja”, id., ibid., p.17.

⁴⁴¹ Mariéjol, op.cit., p.274.

*heureusement fait que la dextre de sa majesté soit armée pour la tuition et défense des affaire de Dieu et de son Église*⁴⁴².

Pela comunhão católica restabelecida entre o rei e seus súditos por meio do tratado de Nemours, todos os males do reino, e do rei, que poderia enfim ter filhos, seriam superados e concluídos por uma paz segura, e não incerta. Na publicação contra as pretensões dinásticas dos Guise, a *Responce aux declarations & protestatios de Messieurs de Guise*, Mornay fazia referência ao tratado assinado entre Henrique III e Henrique de Guise. Segundo ele, os lorenos estavam invertendo os papéis tradicionais que monarca e súditos desempenhavam em questões de guerra e paz. Cabia ao rei decidir sobre os confrontos em que o reino seria – ou não – envolvido. Mas pelas cláusulas de Nemours o partido católico intransigente forçava o rei a retomar a guerra, decidindo, conforme os seus critérios particulares, o que deveria ser determinado pelo rei de acordo com a necessidade do reino. O decreto traria apenas ruína e desolação, mas era essa, no fundo, a intenção dos Guise:

*il veulent obliger ici le Roi par serment à une guerre immortelle, c'est à dire, ce pauvre état, et ce pauvre peuple qui pâtit depuis tant d'années à une ruine finale, à une misère perpétuelle, certes c'est une Loi trop insupportable du sujet sur le Prince, certes c'est un indice manifeste qu'ils ont grande dévotion à notre ruine de nous y vouloir astreindre par dévotion. Disons plus, certes un argument tout certain que ces gens veulent être armés, qu'ils veulent enterrer le Roi ou entre leurs armes, ou s'ils peuvent par leurs armes. Et misérables nous qui aurions à survivre si leurs desseins avaient lieu, notre Prince, et le sang de notre Prince, notre désolée patrie, et les Lois de notre État*⁴⁴³.

A essa afirmação, Épinac replica diretamente na sua *Response de par Messieurs de Guyse à un advertissement*. Segundo ele, os Guise não haviam nunca estado em conflito contra nenhum rei da França, e, pelo contrário, tinham

⁴⁴² “Deus vera o coração dos seus súditos, abaterá seus inimigos, assegurará os troféus, que daqui em diante ele elevou, de restos de hereges, e que sua majestade acabará com o que por tantas vezes ela pediu a Deus, que é a exterminação da heresia, restabelecerá seu estado, reinará em paz assegurada, e não incerta, e Deus enfim lhe dará filhos, tendo sido talvez adiada essa benção até que, seguindo a graça dos seus predecessores, e que daqui em diante ele fez de forma tão feliz que a direita de sua majestade esteja armada para a proteção e defesa dos assuntos de Deus e da sua Igreja”, Épinac, op.cit., p.24.

⁴⁴³ “Eles querem aqui obrigar o Rei por juramento a uma guerra imortal, quer dizer, este pobre estado, e este pobre povo que padece há tantos anos, a uma ruína final, a uma miséria perpétua, é verdadeiramente uma Lei insuportável demais dos súditos sobre o Príncipe, é verdadeiramente um indício manifesto que eles têm grande devoção à nossa ruína, de querer nos obrigar por devoção. Digamos mais, verdadeiramente um argumento certo de que essas pessoas querem estar armadas, que eles querem enterrar o Rei ou entre as suas armas, ou, se puderem, pelas suas armas. E miseráveis nós que sobreviveríamos se seus propósitos se realizassem, nosso Príncipe, e o sangue do nosso Príncipe, nossa pátria desolada, e as Leis do nosso Estado”, Mornay, 1585, p.24.

sempre lutado e permanecido ao seu lado: Francisco I – apesar de os huguenotes sugerirem que não gostava dos Guise –, Henrique II, Francisco II – que tinha especial admiração pelo cardeal de Lorena –, e Carlos IX haviam recebido o apoio dos duques em todas as ocasiões em que ele havia sido necessário. Quanto a Henrique III, a sua disposição era unicamente a de protegê-lo, e de, com ele, defender a Igreja. Era pelo rei que os Guise estavam

*armés et non contre lui, pour la vie duquel ils veulent mourir, et non attenter à sa personne, mais la seule cause de l'Église Catholique, de laquelle ils s'assurent que le Roi ne se dévoiera jamais, les a unis, leur a fait ceindre les armes et jurer qu'ils mourons plutôt mille fois si faire se pouvait, que voir l'Église appauvrir par ses ennemis*⁴⁴⁴.

Contra a tomada de armas católica, protestantes e *politiques* buscam de volta a antiga aliança *malcontent*, e reúnem-se perto de Castres, na região dos Pirineus, de onde justificam as suas ações pela *Déclaration et protestacion du roy de Navarre, de M. le prince de Condé et M. le duc de Montmorency sur la paix faicte avec ceux de la maison de Lorraine, chef et principaux auteurs de la Ligue au préjudice de la maison de France* (1585). O título da publicação, provavelmente escrita por Duplessis-Mornay, deixa clara a posição de Navarra, Condé e Montmorency-Damville quanto ao tratado de Nemours: trata-se de uma paz feita com os lorenos, e apenas com eles, que tem por resultados a retomada da guerra e o prejuízo do reino.

Segundo a *Déclaration et protestacion*, desde a pacificação de 1580, isto é, desde o fim da sétima guerra de religião, o reino havia voltado a prosperar, e os franceses esforçavam-se para apagar os efeitos produzidos por tão longos conflitos.

La paix par la grâce de Dieu jetait ses racines aux profonds des coeurs, et en arrachait les animosités et défiances. La Justice sous son ombre reprenait vigueur par l'exercice des lois, la Religion tant de part que d'autre regagnait l'autorité qu'elle avait perdu par la licence des armes sur les consciences, la Noblesse se rapprochait ensemble, et se dépouillait des partialités, le peuple après tant de maux jouissait de son laveur, et par le bon ordre que le Roi y avait mis était délivré de la mangerie et insolence du soldat, les maux de la guerre en somme s'en allaient ensevelis et oubliés dans peu de temps sous le bénéfice de la paix cultivée

⁴⁴⁴ “armados, e não contra ele, pela vida de quem eles querem morrer, e não atentar à sua pessoa, mas a única causa da Igreja Católica, da qual eles têm certeza de que o Rei não se desviará jamais, os uniu, os fez cingirem armas e jurarem que eles morrerão antes mil vezes, se puderem, do que verem a Igreja empobrecida pelos seus inimigos”, Épinac, op.cit., pp.17-18.

*assidûment par la prudence du Roi, qui n'avait rien plus à coeur que de l'entretenir*⁴⁴⁵.

Mas, “*ceux de la maison de Lorraine sous le nom de ligue sainte*”⁴⁴⁶, julgando contrária aos seus propósitos a tranquilidade em que o reino vivia, haviam decidido voltar aos tempos da guerra civil. Aliando-se à Espanha, introduzindo no reino estrangeiros que não tinham qualquer intenção de preservá-lo, os Guise haviam tomado cidades e atacado os protestantes, levando a novos tumultos e nova guerra. Apesar de o rei saber

*que le soulèvement de ceux de cette maison, quelque prétexte qu'ils prisent était un effet de leurs premiers desseins, c'est à dire de la conjuration qu'ils ont de ruiner la maison de France*⁴⁴⁷,

ele ainda assim havia assinado um tratado formulado unicamente a partir das demandas dos católicos intransigentes. “*Tout à coup*”, diz a *Déclaration et protestacion*, “*aurait été conclu une paix avec ceux de ladite maison et ligue*”⁴⁴⁸. Pelo édito resultante desse acordo, o anterior, de Fleix, “*fait si mûrement et juré si solennellement par leurs majestés*”⁴⁴⁹, seria anulado, “*l'exercice de la religion défendue sur peine de la vie, ceux qui en feraient profession, dans le terme de six mois, condamnés à sortir du Royaume*”⁴⁵⁰, e as *places de sûreté*, cidades concedidas provisoriamente aos protestantes como praças-fortes, retomadas pelo rei. Os protestantes eram apenas as primeiras vítimas do tratado de Nemours, e toda a França sofreria ainda com ele, a não ser os Guise, seus instigadores, que começavam já a se beneficiar, fazendo

partager la France à tous ceux de leur maison, selon le dessein qu'ils ont de s'en saisir un jour, leur faisant accorder par la paix le gouvernement de plusieurs

⁴⁴⁵ “A paz pela graça de Deus jogava suas raízes na profundidade dos corações, e arrancava deles as animosidades e desconfianças. A Justiça sob sua sombra retomava vigor pelo exercício das leis, a Religião tanto que um lado quanto do outro reganhava a autoridade que havia perdido pela licença das armas sobre as consciências, a Nobreza se reunia, e se desfazia das parcialidades, o povo depois de tantos males gozava do seu trabalho, e pela boa ordem que o Rei havia colocado aí estava livre da comilança e insolência do soldado, os males da guerra em suma iam-se enterrados e esquecidos em pouco tempo pelo benefício da paz cultivada assiduamente pela prudência do Rei, que não queria nada mais do que conservá-la”, Henri IV, 1585, s/p.

⁴⁴⁶ “esses da casa de Lorena sob o nome de liga santa”, id., ibid., s/p.

⁴⁴⁷ “que a sublevação dos dessa casa, qual fosse o pretexto por eles tomado, era um efeito dos seus propósitos primeiros, quer dizer, da conjuração que eles têm de arruinar a casa a França”, id., ibid., s/p.

⁴⁴⁸ “De repente”, “teria sido concluída uma paz aqueles da dita casa e liga”, id., ibid., s/p.

⁴⁴⁹ “feito tão maduramente e jurado tão solenemente pelas suas majestades”, id., ibid., s/p.

⁴⁵⁰ “o exercício da religião proibido sob pena de morte, os que fizessem profissão dela, no prazo de seus meses, condenados a deixarem o Reino”, id., ibid., s/p.

*villes, d'importance, et de quelques Provinces, tant sur les frontières, que dedans le coeurs de ce Royaume*⁴⁵¹.

Era portanto para impedir que se concretizasse a meta dos Guise que Navarra, Condé e Montmorency-Damville eram obrigados a combatê-los. A sua própria tomada de armas justificava-se pela necessidade de defender a França e o rei. A nova guerra não era, contrariamente à afirmação da Liga, uma luta contra a heresia, pela religião e pelo reino: ela era um conflito produzido por interesses particulares, por grandes senhores, de origem estrangeira, que planejavam eliminar a nobreza fiel ao rei, estabelecer-se no seu lugar, revogar as melhorias implementadas na administração pública e na justiça desde os estados gerais de 1576, “*en somme éteindre la maison de France, et se loger en sa place*”⁴⁵². Para realizarem mais comodamente suas intenções, porém, os *ligueurs* alegavam todo o contrário.

As palavras usadas por Navarra, Condé e Montmorency-Damville poderiam ser repetidas – e de fato eram – pelos Guise. Cada partido empenhava-se em convencer o rei e os franceses da torpeza dos objetivos dos seus inimigos, reforçando ao mesmo tempo a sua própria lealdade⁴⁵³. Na *Déclaration et protestacion*, o partido de Navarra assegurava, quanto aos seus próprios partidários, que

*leur but n'est et n'a oncques été que de voir le Roi bien servi et obéit de tous et (...) d'en donner l'exemple à chacun (...) qu'ils ne désirent aussi que de voir l'état de ce Royaume paisible et tranquille, comme il en était en train avant ces remuements, et à cette fin s'emploieront de tout leur coeur contre ceux qui veulent troubler la prospérité du Roi et de l'état, et y déploieront très volontiers, ce qu'ils ont de vie et de moyens*⁴⁵⁴.

⁴⁵¹ “partilhar a França entre todos os da sua casa, segundo o propósito que eles têm de se apossarem um dia dela, concedendo-lhes pela paz o governo de inúmeras cidades, de importância, e de algumas Províncias, tanto nas fronteiras, quanto dentro do coração deste Reino”, id., ibid., s/p.

⁴⁵² “em suma de extinguir a casa de França, e se mudar para o seu lugar”, id., ibid., s/p.

⁴⁵³ Os partidos católico e protestante acusavam-se mutuamente de deslealdade em relação ao rei e a Deus da mesma forma como, em termos teológicos, consideravam um ao outro responsável pela corrupção da verdadeira Igreja.

⁴⁵⁴ “seu objetivo é e sempre foi ver o Rei bem servido e obedecido por todos e (...) dar o exemplo a cada um (...) que eles também só desejam ver o estado deste Reino pacífico e tranquilo, como era antes dessas agitações, e para esse fim empenhar-se-ão de todo coração contra os que querem perturbar a prosperidade do Rei e do estado, e aplicarão voluntariamente o que tiverem de vida e de meios”, id., ibid., s/p.

As publicações em que católicos intransigentes e *politiques* se entre-atacam vão se tornando mais comuns à medida que avança a década de 1580. Segundo Reinhart Koselleck,

*haute trahison et lutte pour le salut publique étaient devenus, selon les camps changeants et selon les gents qui changeaient de camp, des notions interchangeables*⁴⁵⁵.

As genealogias eram um recurso quase exclusivamente *ligueur*, enquanto os discursos em louvor da paz eram mais frequentes entre os *politiques*. Descrevendo as melhorias, a estabilidade e a tranquilidade, que, em todas as áreas, favoreciam a França desde 1580, este partido e seus aliados protestantes atribuíam-nas à paz que, desde o édito de Fleix, havia eliminado a guerra e permitido a volta da ordem e da prosperidade ao reino. O argumento usado na *Déclaration et protestacion du roy de Navarre, de M. le prince de Condé et M. le duc de Montmorency* seguia esse método, acusando os Guise e a Liga, “*impatients de la paix et tranquillité de ce Royaume*”, de terem decidido romper a paz, “*qu’ils entendent contraindre à leurs desseins*”, e provocado nova guerra, que traria instabilidade e insegurança, lançando mais uma vez a França no caos que os ajudaria a viabilizar seus objetivos, “*auxquels aussi ils savent très bien ne pouvoir parvenir par la prospérité, mais par la confusion, ruine et dissipation de cet État*”⁴⁵⁶.

Para Étienne Pasquier, que em 1585 publica a já citada *Apologie de la paix*. *Representant tant les profficts et commodités que la Paix nous produict, que les malheurs, confusions, & desordres qui naissent durant la Guerre*, a paz é o bem maior que faz uma república perdurar e prosperar. Ela é “*d’autant plus recommandable que c’est le ciment et le mortier, qui lie et joint par-ensemble les pierres de l’Édifice Politic*”⁴⁵⁷. Bem fundada nos “*piliers*” da paz, a república beneficia-se do respeito às leis, da segurança nos campos – que permite ao camponês cultivar a terra –, nas estradas – que permite o comércio –, e do equilíbrio nos impostos. Em tempo de guerra, todo o reino é prejudicado, os camponeses, o príncipe, a nobreza, o clero, o burguês e o comerciante, mas é o

⁴⁵⁵ “alta traição e luta pela salvação pública tinham se tornado, conforme a mudança dos campos e conforme as pessoas que mudavam de campo, noções permutáveis”, Koselleck, 1979, p.14.

⁴⁵⁶ “impacientes com a paz e tranquilidade nesse Reino”, “que eles crêem contrária aos seus propósitos”, “os quais também eles sabem muito bem não poderem realizar pela prosperidade, mas pela consusão, ruína e dissipação deste Estado”, Henri IV, 1585, s/p.

⁴⁵⁷ “tanto mais recomendável quanto é o cimento e a argamassa que liga e une juntas as pedras do Edifício Político”, Pasquier, 1585, pp.22-23.

homem comum, o “*bon-homme*”, quem mais perde com o fim da tranquilidade, com o abandono da ordem e da prosperidade, pois sem ter a quem recorrer ele é atacado por bandos armados, tem sua colheita destruída pela passagem dos exércitos, e paga impostos extorsivos que servem para dar continuidade à guerra. Quando há paz,

*l'esprit est tranquille et accommodé à tout honnête repos, dont prennent leur avancement les arts et sciences, les Lois sont en vigueur, la justice fleurit, la vertu montre mieux ses effets, le vice languit, le zèle de piété s'augmente, la discipline de l'Église est autorisée : tant le gentilhomme que le peuple conserve et augmente sa richesse, le commerce et trafic demeure libre, bref, tout bien et commodité en réussi à un chacun, voire que sans la Paix le corps civile n'aurait force, beauté ni ornement*⁴⁵⁸.

Ao contrário, a guerra não é nada mais do que “*la destruction des états, auxquels elle est glissée, la ruine d'autrui, qu'un brigandage*”⁴⁵⁹. “*Ce n'est que désordre, que confusion, que dissipation. On ne peut ce qu'on veut, et maintes fois on fait ce qu'on ne peut ni ne veut*”⁴⁶⁰.

*La Guerre c'est le boucher qui égorge les boeufs, brebis et agneaux, pour dresser un banquet. La Paix c'est le banquet, auquel nous faisons chère et nous réjouissons. (...) La guerre est la lessive, ou bien la buandière, qui ne sert que pour blanchir le linge. La Paix est le linge blanc et net. La guerre est le fléau, qui bat la paille et en fait sortir le grain. La Paix c'est le grain*⁴⁶¹.

Frente às vantagens tamanhas da paz, por que recorrer à guerra, que traz tanta desolação? Para Pasquier, há apenas uma razão que justifica começar uma guerra: produzir a paz. “*Pour cette seule raison on doit commencer la guerre (...) que nous puissions vivre en paix*”⁴⁶². Toda guerra feita por outros motivos é uma corrupção do estado ideal em que deveria viver uma república. “*Ceux qui ont la vue bonne*”, diz Pasquier, “*reconnaissent bien cela, mais le monde soutient une*

⁴⁵⁸ “o espírito está tranquilo e acomodado em todo repouso honesto, de que tiram seu avanço as artes e ciências, as Leis estão vigorosas, a justiça floresce, a virtude mostra melhor seus efeitos, o vício enfraquece, o zelo da piedade aumenta, a disciplina da Igreja é autorizada; tanto o fidalgo quanto o povo conserva e aumenta sua riqueza, o comércio e tráfico permanece livre, em suma, todo bem e comodidade favorece a todos, e quicá sem a Paz o corpo civil não teria força, beleza nem ornamento”, id., ibid., pp.46-47.

⁴⁵⁹ “a destruição dos estados, nos quais ela se embrenhou, a ruína de outrem, do que banditismo”, id., ibid., p.47.

⁴⁶⁰ “É apenas desordem, confusão, dissipação. Não podemos o que queremos, e muitas vezes fazemos o que não podemos nem queremos”, id., ibid., p.18.

⁴⁶¹ “A Guerra é o açougueiro que degola os bois, ovelhas e cordeiros, para preparar um banquete. A Paz é o banquete, onde nos deleitamos e regozijamos. (...) A Guerra é a roupa suja, ou então a lavadeira, que serve apenas para limpar a roupa. A Paz é a roupa branca e limpa. A guerra é o malho, que bate a palha e faz sair o grão. A Paz é o grão”, id., ibid., pp.79-80.

⁴⁶² “Por esta única razão devemos começar a guerra (...) que nós possamos viver em paz”, id., ibid., p.49.

*trop grande troupe d'âmes, qui n'ont rien tant à contrecœur que la Paix*⁴⁶³. É a ambição desses adversários da paz que leva à guerra. Eles querem mais do que têm e do que são, e para possuírem o que não lhes pertence semeiam a guerra onde lhes convém. “*Et qui est-ce qui nous réveille à la guerre?*”, pergunta Pasquier,

*rien autre, sinon que le villageois tient qu'il est digne d'être marchand, le Gentilhomme Prince, et plus s'il pouvait. Nous dédaignons notre condition, nous enions celle d'autrui, et pourtant de bec ou d'ongles voulons en avoir pied ou aille*⁴⁶⁴.

Para defenderem a guerra, os que esperam prosperar com ela afirmam que ela é necessária, e discorrem sobre os seus benefícios. Segundo Pasquier, há dois argumentos que tentam provar as vantagens da guerra, “*le premier, que la guerre au dedans des entrailles des citoyens et entre les sujets est nécessaire au public: l'autre, qu'elle nous est nécessaire contre l'étranger*”⁴⁶⁵.

Ambos estão errados. A forma mais simples de mostrá-lo é pensar na semelhança entre a “*République bien ordonnée*”⁴⁶⁶ e o corpo humano. A guerra entre os súditos de um mesmo reino é a guerra entre os membros de um mesmo corpo. É como, diz Pasquier, se eles fossem tomados de ódio uns pelos outros, e se acontecesse

*que le pied droit supplantât le gauche, que les doigts crevassent les yeux, et chacun membre empêchât son voisin, il est bien certain que le corps enfin demeurerait tronqué, mutilé, imparfait et contrefait, voire qu'il manquerait en toutes ses actions*⁴⁶⁷.

Fica provado portanto que a guerra civil “*est très-incivile*”⁴⁶⁸, pois sobretudo “*à dire la vérité, il n'y a chose qui dissipe plutôt un État, que les querelles et dissensions des particuliers*”⁴⁶⁹. Quanto à guerra contra um estrangeiro, ela pode

⁴⁶³ “Os que têm a vista boa”, “reconhecem bem isso, mas o mundo carrega uma quantidade muito grande de almas, que não têm nada mais a contragosto do que a Paz”, id., ibid., p.6.

⁴⁶⁴ “E o que nos leva à guerra?”, “nada senão que o aldeão acha que é digno de ser mercador, o Fidalgo Príncipe, e mais se pudesse. Nós desdenhamos nossa condição, desejamos a de outro, e no entanto de bico ou de unha queremos ter pé ou asa” id., ibid., p.24.

⁴⁶⁵ “o primeiro, que a guerra dentro das entranhas dos cidadãos e entre os súditos é necessária ao público; o outro que ela nos é necessária contra o estrangeiro”, id., ibid., p.83.

⁴⁶⁶ “República bem ordenada”, id., ibid., p.83.

⁴⁶⁷ “que o pé direito suplantasse o esquerdo, que os dedos furassem os olhos, e cada membro impedisse o seu vizinho, certamente o corpo ficaria enfim truncado, mutilado, imperfeito e disforme, quicá faltaria em todas as suas ações”, id., ibid., pp.83-84.

⁴⁶⁸ “é mui-incivil”, id., ibid., p.86.

⁴⁶⁹ “para dizer a verdade, não há coisa que dissipe mais um Estado, do que as querelas e dissensões dos particulares”, id., ibid., p.87.

de fato ser necessária, porém não se deve nunca provocá-la, apenas é correto recorrer às armas quando se for atacado, “*quand il nous vient assaillir, qu’il veut nous faire effort, qu’il tâche à nous ravir ce qui nous appartient, bref quand il nous tient tort*”⁴⁷⁰.

Pasquier conclui assim que a guerra feita pela defesa do reino – contra inimigos estrangeiros ou domésticos, “*moyennant qu’on le prenne comme il faut, avec une sage, mûre et discrète distinction*”⁴⁷¹ – é válida quando se trata de repelir ataques sofridos, mas dar início a ela é perigoso e reprovável.

Os *politiques* tinham a intenção de, enumerando os benefícios unicamente produzidos pela paz, e reprovando a opção armada – a não ser em uma única e específica circunstância, que de certa forma legitimava a sua própria reação armada contra as ligas –, produzir no seu público a certeza de que era preciso dar fim à guerra. Em uma república, o melhor estado, enfim, é a paz:

*Les commodités, que nous cause la Paix ne sont petites, attendu qu’elle nous tient en union, concorde, et fraternité les uns avec les autres : Par elle, nous ne sommes qu’un coeur et une âme, et symbolisons tous ensemble, avec une telle harmonie, que les membres de notre corps ne s’entendent pas mieux unanimement que la Paix nous fait entretenir. Par ce moyen on peut conclure que la Paix est la liaison, le coeur et la vie des États, qui feraient le soubresaut à toutes heures s’ils n’étaient retenus des nerfs d’amitié, qui nous entrejoignent, nourrissent et allient la société humaine. C’est la Paix qui fait fleurir la Justice et la Piété : Les Lois sont mortes, muettes et sans vigueur durant la guerre, attendu que, suivant le proverbe ancien, entre les armes et parmi les bruits des trompettes la voix des bonnes Lois ne peut pas bien être entendue. (...) Bref, c’est la Paix, qui, paisible, nous fait paisiblement passer le cours de cette vie*⁴⁷².

Como resistir a esse chamado? Era essa a pergunta que os autores das exortações e elogios da paz queriam suscitar nos leitores e ouvintes das suas publicações. Ela significaria reconhecer a necessidade da paz, e poderia então ser transformada em outra pergunta: como admitir algo que era aparentemente

⁴⁷⁰ “quando ele vem nos assaltar, que ele quer nos forçar, que ele se aplica em nos tomar o que nos pertence, em suma, quando ele nos faz mal”, id., ibid., p.93.

⁴⁷¹ “sob condição que consideremos como se deve, com uma sábia, madura e discreta distinção”, id., ibid., p.93.

⁴⁷² “As comodidades que nos causa a Paz não são pequenas, visto que ela nos mantém em união, concórdia, e fraternidade uns com os outros: Por ela, nós somos apenas um coração e uma alma, e simbolizados todos juntos, com uma tal harmonia, que os membros do nosso corpo não se entendem melhor conjuntamente do que a Paz nos faz conservar. Desse modo podemos concluir que a Paz é a ligação, o coração e a vida dos Estados, que seriam sobressaltados a todo momento se eles não estivessem contidos pelos nervos da amizade, que nos reúnem, alimentam e aliam a sociedade humana. É a Paz que faz florescer a Justiça e a Piedade: As Leis estão mortas, mudas e sem vigor durante a guerra, visto que, segundo o provérbio antigo, entre as armas e no meio do barulho das trombetas a voz das boas Leis não pode ser bem ouvida. (...) Em suma, é a Paz, que, pacífica, nos faz passar pacificamente o curso dessa vida”, id., ibid., pp.10-11.

contrário à vontade divina, e que implicava na subversão de toda a tradição monárquica francesa? Por que sofrer a dualidade religiosa no reino? Tautologicamente, a resposta era: por causa da necessidade de paz, urgente necessidade do Estado.

Afirmar a necessidade do reino era um recurso a que se recorria para justificar uma medida, uma situação ou uma atitude impopular, contrária à opinião da maioria, ou à tradição. Em 1570, o filósofo Louis Le Roy, em uma *Exhortation aux François pour vivre en concorde et jouir du bien de la paix*, analisou a situação francesa de divisões e conflitos internos e concluiu que as mudanças pelas quais o reino estava passando poderiam resultar em uma transformação mais ampla, fruto da desobediência às leis. E advertia: em uma república, “*on n’immuerait ou innoverait jamais rien sans urgente nécessité, et très évidente utilité à cause des grands troubles qui en viennent en public et en privé*”⁴⁷³. No seu relato sobre os estados gerais de 1576, Jean Bodin conta que o maior interesse de Henrique III era ver os impostos e as novas alienações de território, da Coroa e da Igreja, aprovados pelos deputados. Convocados em maio de 1576, conforme determinação de uma das cláusulas do édito de Beaulieu, os estados reuniram-se em dezembro, mesmo mês em que se iniciou nova guerra civil, a sexta delas. Sem ter pago as dívidas contraídas durante a quinta guerra, o rei precisava já contrair novos empréstimos. A necessidade do reino obrigava-o assim a recorrer aos estados para conseguir o dinheiro de que carecia: aos deputados era demandado, segundo Bodin, que proviessem “*à la nécessité des affaires du Roi, même pour la guerre qui se présentait*”⁴⁷⁴. Um texto anônimo publicado em 1588 refere-se a esse mesmo aumento de impostos ao afirmar que Henrique III havia sido obrigado, pela situação urgente em que se encontrava o reino, a recorrer aos estados: as guerras constantes, diz o autor, “*l’ont conduit à la nécessité de telles levées extraordinaires*”⁴⁷⁵. O autor, um católico contrário à idéia da coexistência confessional e favorável à eliminação do protestantismo do reino, creditava a descontinuação dos movimentos de “*extirpation de l’hérésie*” promovidos pela

⁴⁷³ “não mudaríamos ou inovaríamos nunca sem urgente necessidade, e muito evidente utilidade por causa das grandes perturbações que decorrem em público e privadamente”, Le Roy, 1570, p.12.

⁴⁷⁴ “à necessidade dos assuntos do Rei, assim como para a guerra que se apresentava”, Bodin, 1577, p.47.

⁴⁷⁵ “levaram-no à necessidade de tais cobranças extraordinárias”, *Exhortation pour la paix et re-union des Catholiques François*, 1588, pp.14-15.

Coroa (como a Noite de São Bartolomeu) a alguma necessidade do Estado: “ç’a été ou par les nécessités publiques, ou pour laisser respirer les peuples déjà atténués de guerres”⁴⁷⁶.

Na *Harengue faite par le Roy estant en son conseil le saizième de juin à la publication de 26 édits*, publicada em 1586, Henrique III usou a idéia da necessidade urgente do reino para novamente pedir dinheiro aos parlamentos. Com o Tesouro vazio, e as fontes habituais de renda do Estado depauperadas pela oitava guerra, iniciada em 1585, o rei pedia permissão para nova captação de impostos, certo de que o reconhecimento da urgente necessidade em que se encontrava convenceria os membros do parlamento de Paris:

*je me suis persuadé que chacun en jugeant avec vérité y reconnaître à l’oeil une si grande et si urgente et trop vraie nécessité qu’il apportera autant de faveur et d’allégresse à me secourir au soutènement d’une si sainte guerre*⁴⁷⁷.

Em apoio ao rei, o chanceler Philippe Hurault, conde de Cheverny, diz em seu discurso que “*la chose parle de soi-même et la nécessité se fait sentir de tous*”⁴⁷⁸, e garante que

*Dieu ayant poussé le Roi à cette guerre il a comme un bon Prince employé tout ce qu’il pouvait dire sien auparavant que employer un secours extraordinaire de ses sujets*⁴⁷⁹.

O primeiro presidente do parlamento parisiense Achille de Harlay expressou em resposta a indignação dos membros das cortes de justiça contra os 26 éditos de Henrique III, que previam, entre outros, a incidência de novos impostos sobre as atividades dos procuradores dos parlamentos, e a conversão de todos os ofícios que não fossem ligados à função judicante em hereditários. Em um discurso em que expunha as diferenças entre as leis do rei, efêmeras, e as do reino, imutáveis, Harlay afirmava que não havia necessidade que permitisse ao rei algumas coisas,

⁴⁷⁶ “extirpação da heresia”, “foi pelas necessidades públicas, ou para deixar respirarem os povos já extenuados de guerras”, *ibid.*, p.11.

⁴⁷⁷ “eu me persuadi de que, cada um julgando com verdade reconhecer facilmente uma tão grande e tão urgente e muito verdadeira necessidade, terá tanto favor quanto entusiasmo em me socorrer no sustento de uma tão santa guerra”, *Harengue faite par le Roy estant en son conseil le saizième de juin à la publication de 26 édits. En ce compris celle de M. le chancelier, celle de M. le premier président et celle de M. Du Plessis*, 1586, p.4.

⁴⁷⁸ “a coisa fala por si mesma e a necessidade se faz sentir por todos”, *ibid.*, p.7.

⁴⁷⁹ “Deus tento impelido o Rei a essa guerra, ele empregou como um bom Príncipe tudo o que podia chamar de seu antes de tomar um socorro extraordinário dos seus súditos”, *ibid.*, p.7.

pois, “*Il y a (Sire) choses si contraires à la raison que nécessité ne les peut excuser*”⁴⁸⁰.

Em defesa do rei, o último discurso foi o de Philippe Duplessis-Mornay. Ele admitiu que Henrique III, nos seus 26 éditos, legislava contrariamente a algumas antigas leis do reino –

*Vous êtes contraint certainement de vous servir de moyens qui sont fort extraordinaires et qui contiennent beaucoup de choses contraires aux anciennes lois de votre état*⁴⁸¹

– reconhecendo, apesar disso, que o império da urgente necessidade justificava plenamente os seus atos:

*Mais nous qui sommes témoins de votre nécessité, qui savons ce que vous avez fait avant que d'en venir là, pouvons sans beaucoup d'éloquence vous en excuser envers tout le monde*⁴⁸².

Na sua *Apologie de la paix*, Pasquier avança opinião semelhante à de Mornay: “*Nécessité (dit-on) n'a point de loi: maintes fois elle nous fait faire ce qui nous est fort à contrecœur*”⁴⁸³.

A afirmação de que a necessidade do reino obrigava a decisões e situações contrárias à tradição ou à opinião corrente, isto é, de que, por necessidade, dever-se-ia aceitar uma mudança ou uma transformação dos hábitos de outra forma inadmissíveis, era um dos argumentos a que recorriam os *politiques* no seu propósito de instituir a tolerância civil. A noção já conhecida da necessidade era aplicada ao caos francês provocado pelas guerras de religião, e resultava na conclusão de que a paz era urgentemente necessária, o que significava que uma solução para a guerra precisaria ser aceita independentemente de ser contrária à tradição ou à opinião comum. Admitir a urgente necessidade era uma forma paliativa de convencer os católicos contrários à dualidade religiosa a aceitarem-na, ao menos provisoriamente, em benefício da França. Para os *politiques*, era um meio de conquistar o apoio mesmo dos adversários do protestantismo, alegando que o motivo que os levava a insistirem na tolerância civil era unicamente a defesa do reino.

⁴⁸⁰ “Há (Senhor) coisas tão contrárias à razão que necessidade não as pode desculpar”, *ibid.*, p.13.

⁴⁸¹ “Sois certamente obrigado e vos servir de meios que são bastante extraordinários e que contêm muitas coisas contrárias às antigas leis do vosso estado”, *ibid.*, p.18.

⁴⁸² “Mas nós que somos testemunhas da vossa necessidade, que sabemos o que fizestes antes de chegar a isso, podemos sem muita eloquência vos desculpar com relação a todos”, *ibid.*, p.18.

⁴⁸³ “Necessidade (dizem) não tem lei: muitas vezes ela nos faz fazer o que temos muito a contragosto”, Pasquier, 1585, p.159.

Para a Liga, os *politiques* eram assim inimigos mais perigosos do que os protestantes, pois utilizando argumentos externos à religião para tratar da dissensão religiosa, sugeriam que havia, acima da religião, um outro fim para o qual deveriam tender os esforços dos bons franceses. Nas suas publicações, para contrapor-se à lógica *politique*, o partido católico intransigente voltava-se para a mesma tática de que o partido oposto se servia: acusar os inimigos de mentirem duplamente, quanto ao seu próprio objetivo, e quanto ao objetivo dos adversários.

Para contestar as afirmações expressadas por Philippe Duplessis-Mornay e Étienne Pasquier e suas implicações, o advogado do parlamento de Paris Louis Dorléans, célebre entre os contemporâneos pelo seu catolicismo radical⁴⁸⁴, publica em 1586 uma *Apologie ou Defence des catholiques unis les uns avec les autres, contre les impostures des catholiques associez à ceux de la pretendüe Religion*. A defesa da Liga implicava na recriminação dos protestantes e dos católicos a eles associados: usar a religião como pretexto para tomar o reino, querer uma guerra contra o rei, e não contra a heresia, introduzir um sem número de estrangeiros na França – todas acusações feitas pelos *politiques* e pelos protestantes aos Guise e à Liga, e devolvidas por Dorléans como sendo, de fato, características do partido protestante e de seus associados.

A guerra feita pelos protestantes, diz Dorléans, era, desde o início, havia 24 anos, contra o rei, e não contra os católicos do reino:

*Toutefois on voit que depuis vingt-quatre ans en ça les Hérétiques n'ont point tant fait la guerre aux Catholiques qu'ils l'ont faite au Roi, sur lequel ils ont surpris et retenu plusieurs bonnes villes et places en ce Royaume dont ils jouissent encore à présent, comme s'ils les avaient conquises sur leur ennemi*⁴⁸⁵.

Apesar de pretenderem a ruína do reino, e a instauração do calvinismo como única religião nele, os protestantes e seus aliados católicos afirmavam que a sua ação visava apenas a defesa do rei. Ora, pergunta Dorléans, o rei, católico como poucos monarcas antes dele foram na França, admitiria juntar-se a homens que acreditavam que o papa era o anticristo, que a missa era heresia, a devoção aos santos, idolatria, e a Igreja de Roma, a perversão da Palavra de Deus? Deixaria o

⁴⁸⁴ cf. Jouanna et al., op.cit., p.850.

⁴⁸⁵ “Todavia vemos que há 24 anos os Hereges não fizeram tanto guerra contra os Católicos, quanto a fizeram contra o Rei, do qual eles tomaram e mantiveram várias boas cidades e lugares neste reino de que eles gozam ainda hoje, como se os tivessem conquistado de um inimigo”, Dorléans, 1586, p.4.

rei assim de honrar seu juramento, que o obrigava a defender a religião católica como a única verdadeira? Não, pois o fato é que

*le Roi est trop instruit en la Foi, pour ne croire point qu'il n'est pas constitué Roi que pour maintenir l'honneur de Dieu, que c'est son devoir d'avoir soin du salut de son peuple*⁴⁸⁶.

O rei não poderia, portanto, aceitar uma associação com os huguenotes que ele tinha o dever de combater. Nem aceitar que eles permanecessem no reino. Henrique III podia apenas, no cenário de divisão que caracterizava a França nesse momento, ser “*le chef des Catholiques*”⁴⁸⁷, e destruir as pretensões protestantes. A coexistência de duas confissões no reino é impossível, e traz apenas guerra, diz Dorléans.

*Il n'y a rien qui tant entretienne en paix soit une famille particulière une Cité ou un Royaume, que la conformité de Religion nos pères en ont vu l'expérience, car quand on ne savait en France autre Religion que celle que saint Denis y avait prêchée, jamais nation ne se trouva plus unie en volonté et plus obéissante à son Prince. Mais depuis l'an mil cinq cent soixante et trois, que l'on donna permission de prêcher la religion Calviniste en ce Royaume, onques puis n'avons nous eu que troubles et guerres civiles*⁴⁸⁸.

Se, de seu lado, protestantes e *politiques* afirmavam que havia sido a desobediência dos católicos ao édito de Amboise de 1563 – que permitia o protestantismo no reino – que havia provocado a guerra civil, Dorléans sustentava que havia sido o édito – na liberdade dada aos protestantes – o causador dos confrontos. E inversamente, a desobediência dos protestantes ao édito de Nemours havia causado a retomada da guerra, apesar da insinuação feita por estes de que

*de là sont procédées les guerres, qui ont eu cours depuis cet Édit publié. Pour répondre à cette objection nous dirons que la guerre est procédée de l'opiniâtreté et obstination de ceux qui ont voulu demeurer en l'Hérésie, et ne l'abjurer comme ont fait aucuns de leurs confrères qui sont revenus à notre Église*⁴⁸⁹.

Nas duas situações, como em todas as que se apresentassem à argumentação, os culpados pelo caos, culpados pelas guerras e pela degradação do reino, eram, segundo Dorléans, os protestantes e seus aliados católicos. O

⁴⁸⁶ “o Rei é instruído demais na Fé, para achar que não é constituído Rei apenas para conservar a honra de Deus, que é seu dever cuidar da salvação do seu povo”, id., ibid., pp.10-11.

⁴⁸⁷ “o chefe dos Católicos”, id., ibid., p.25.

⁴⁸⁸ id., ibid., pp.4-5.

⁴⁸⁹ “daí procederam as guerras, que aconteceram depois desse Édito publicado. Para responder a essa objeção diremos que a guerra procede da teimosia e obstinação dos que quiseram permanecer na Heresia, e não abjurar como fizeram alguns de seus confrades, que voltaram para a nossa Igreja”, id., ibid., p.12.

protestantismo era portanto uma dupla ameaça para a França, desviando os homens do caminho da salvação, e levando-os à ruína e à morte. Comprovado o perigo da presença protestante, a única intenção da Liga era defender o reino. Sem rodeios, o autor já havia declarado, logo na primeira frase da sua *Apologie*, “*que la Ligue n’est faite que pour les exterminer*”⁴⁹⁰. Nesse sentido, os dois expedientes principais desta organização eram restabelecer o catolicismo como única religião no reino, e impedir qualquer pretendente não católico de se tornar rei da França. Pela abolição da dualidade confessional, a Liga restauraria a paz, pois apenas pelo retorno à unidade religiosa ela seria possível. O bem gerado pela eliminação do protestantismo era portanto, para Dorléans e seus companheiros *ligueurs*, inquestionável. Tanto maior será, conseqüentemente, a desaprovação quanto à atitude dos católicos que escolheram associar-se aos protestantes.

*S’il n’y avait que ceux de la prétendue religion qui se formalisassent de la Ligue des Catholiques, je le porterais patiemment, vu que la Ligue n’est faite que pour les exterminer. Mais je perds patience quand je vois que quelques Catholiques, au moins qui se disent être de la Religion Catholique, Apostolique et Romaine se passionnent ainsi, se bandent, et contreliguent contre ceux qui ne prétendent que maintenir la Religion ancienne de France, et dont eux-mêmes font profession*⁴⁹¹.

Para Dorléans, era incompreensível que alguns católicos tivessem decidido apoiar os protestantes que, por determinação da sua religião, eram obrigados a, em todas as ocasiões possíveis, eliminar o catolicismo, e substituí-lo pelo calvinismo. A justificativa apresentada pelos católicos associados aos protestantes era a de que a sua intenção era defender o reino, e evitar a discussão que terminava por determinar o uso da força contra a religião. Com esse argumento, diz Dorléans, eles não deveriam se opor apenas à Liga como sendo, ela, prejudicial à França, antes deveriam criticar qualquer liga, qualquer associação que provocasse divisão dentro do reino. Mas apenas a Liga católica era atacada pelos católicos associados; a protestante, que segundo Dorléans tanto mal havia feito à França, era considerada justa, e mesmo santa:

Encore si quand ils blâment la Ligue comme chose contraire à l’état et au repos public, ils n’épargnassent point nos ennemis les Hérétiques qui se sont ligués, ont fait des bources communes, et baillé des pensions aux chefs de part, tant en ce

⁴⁹⁰ “que a Liga é feita apenas para exterminá-los” id., ibid., p.3.

⁴⁹¹ “Se houvesse apenas os da pretensa religião que se ofendessem com a Liga dos Católicos, eu suportaria pacientemente, visto que a Liga é feita apenas para exterminá-los. Mas perco a paciência quando vejo que alguns Católicos, ou ao menos que se dizem da Religião Católica, Apostólica e Romana se envolvam assim, se retemem, e contra-liguem contra aqueles que querem apenas manter a Religião antiga da França, e da qual eles mesmos fazem profissão”, id., ibid., p.3.

*Royaume, que hors d'icelui : je dirais que s'ils médisent de la Ligue, il leur est à pardonner ne voulant traiter les différents de la Foi par armes : Mais en lieu de condamner tant l'une que l'autre Ligue, ils persécutent les Catholiques par convissés et calomnies, comme gens scélérats, mutins, turbulents, et excusent les hérétiques, les défendent, et soutiennent leur cause comme juste, sainte, et favorable*⁴⁹².

A única explicação, segundo o autor da *Apologie*, estaria na intenção secreta que reunia católicos e protestantes: tomar o reino. Para atingirem seu objetivo, Dorléans conta que o que protestantes e católicos associados propunham era a paz. Mas, atenção, paz muito diferente daquela desejada pela Liga. Paz que implicava na perpetuação da dissensão religiosa, divisão verdadeira do reino. Dividida, a França seria conquistada. A coexistência, que Dorléans já havia provado ser prejudicial, tornava a paz impossível, e a pacificação assim proposta não era paz.

*Je ne puis comprendre que ce soit une paix entre nous quand un prêcheur d'une part soutient la religion de nos ancêtres, d'autre part on dit tant en la prêche publique qu'aux assemblés particulières que le Pape est l'Antéchrist, que l'Église des Catholiques est un bourdeau spirituel, que le Sacrement de l'Autel est une abomination, que nous sommes idolâtres, gens reprouvés mystificateurs perdus et damnés. De telles contentions on en vient aux armes*⁴⁹³.

A dualidade religiosa não produzia portanto paz, ela resultava, sim, no retorno permanente da guerra. A não ser que a religião, motivo da dissensão, não fosse razão para contenda, ou pelo menos razão suficiente que justificasse abalar a tranqüilidade do reino para introduzir nele desordem. Era precisamente essa, diz Dorléans, a proposta que protestantes e católicos associados faziam para convencerem de que a sua paz era viável:

*il y en a qui disent qu'il ne se faut point tant formaliser pour la religion, et que c'est folie de prendre les choses tant à coeur, que l'on en veuille perdre l'aise et le repos d'une bonne paix*⁴⁹⁴.

⁴⁹² “Ainda que quando eles censurassem a Liga como coisa contrária ao estado e à tranqüilidade pública, eles não poupassem nossos inimigos os Hereges que se ligaram, dividiram os gastos, e deram pensões aos chefes de parte, tanto nesse Reino quanto fora dele: eu diria que se eles maldizem a Liga, é perdoável por não quererem tratar das diferenças da Fé por armas: Mas em vez de condenarem tanto uma quanto a outra Liga, eles perseguem os Católicos por alegações e calúnias, como gente perversa, rebelde, turbulenta, e desculpam os hereges, defendem-nos, e apóiam a sua causa como justa, santa e favorável”, id., ibid., pp.3-4.

⁴⁹³ “Não posso compreender que seja uma paz entre nós quando um pregador de um lado mantém a religião dos nossos ancestrais, e do outro lado se diz tanto no culto público quanto nas assembléias particulares que o Papa é o Antecristo, que a Igreja dos Católicos é uma enorme enganação espiritual, que o Sacramento do Altar é uma abominação, que nós somos idólatras, gente reprovada mistificadores perdidos e condenados. De tais discussões, chegamos às armas”, id., ibid., p.5.

⁴⁹⁴ “há os que dizem que não se deve ofender tanto por causa da religião, e que é loucura tomar as coisas tão a sério, que se queria perder a comodidade e tranqüilidade de uma boa paz”, id., ibid., p.6.

A resposta de Dorléans a essa alegação revela a discussão entre *ligueurs* e *politiques* sobre a função do rei, e sobre a distinção entre os objetivos do Estado e os da Igreja. Alguns afirmavam, diz o autor, “*qu’il y a grande différence entre les préceptes d’État et ceux de la Religion*”⁴⁹⁵. Eram os que propunham que a pacificação apenas poderia ser feita se fosse dada liberdade, de consciência e culto, aos protestantes. E que sustentavam também que a paz no reino, sendo necessária, era mais premente do que a defesa da religião. E ainda, que as duas confissões, catolicismo e protestantismo, poderiam de forma semelhante levar a Deus⁴⁹⁶. “*C’est une belle proposition pourvu que Dieu en fût content*”, diz Dorléans,

*mais si nous lisons en l’Évangile, il n’entend pas que nous en fassions si peu de cas de notre salut ou de celui de notre prochain (...). Or je n’entends point disputer contre les gens indifférents qui ont maintenu par écrit que l’on peut être sauvé chacun en sa Foi, car je crois qu’il n’y a qu’une Foi, non plus qu’il n’y a qu’un Dieu, et que hors de la Foi il n’y a salut aucun*⁴⁹⁷.

E a salvação, que deveria ser a maior preocupação dos homens, e especialmente do rei, vinha de uma única religião. Uma paz proposta fora desta poderia servir apenas a quem acreditasse que o estado de guerra, de caos, em que estava a França era o pior que poderia acontecer aos homens, e que por isso a paz, urgentemente necessária, precisava imediatamente, a qualquer preço, ser restabelecida. Essa pacificação não era no entanto a paz de Deus, aquela que Ele queria para os homens; era apenas uma experiência humana, e portanto efêmera, de tranquilidade, de equilíbrio do Estado, em que o preço a pagar era, justamente, a salvação da alma. Era na verdade, segundo Dorléans, uma paz para os protestantes, pois era a eles que ela permitia viver, enquanto aos católicos ela impunha um sofrimento.

Je crois bien que si tous étions Huguenots, la paix y serait quant au Monde: mais quant à Dieu, je ne croirais jamais cela. Quand Dieu recommande la paix, il dit je

⁴⁹⁵ “que há grande diferença entre os preceitos do Estado e os da Religião”, id., ibid., p.6.

⁴⁹⁶ Essa posição foi mais rara no século XVI, sendo característica não dos partidários da tolerância que chamamos de civil, mas sim dos da tolerância religiosa.

⁴⁹⁷ “É uma bela proposta, desde que Deus estivesse contente dela”, “mas si nós lermos o Evangelho, ele não pretende que nós façamos tão pouco caso da nossa salvação ou da do nosso próximo (...). Ora eu não pretendo de forma alguma discutir com as pessoas indiferentes que sustentaram por escrito que podemos ser salvos cada um na sua Fé, pois eu temo que haja apenas uma Fé, tanto como há apenas um Deus, e que fora da Fé não há salvação alguma”, id., ibid., pp.6-7.

*vous laisse la paix non pas comme le Monde l'a donnée : tellement qu'il y a bien différence entre la paix de Dieu et celle des hommes*⁴⁹⁸.

A paz dos homens, nos termos em que Dorléans a apresenta, era aquela feita à revelia da religião, motivada pela preocupação com o reino e com o Estado. Para a Liga, ao contrário, era preciso reconhecer a importância de Deus e saber que uma paz feita sem Ele era o mesmo que uma condenação eterna. À Sua paz chegava-se matando e morrendo por Ele. Quando os protestantes e católicos associados afirmavam que a Liga e os Guise, ao agirem contra a dualidade religiosa, agiam contra as leis do reino, cabia a estes últimos afirmar, como os primeiros cristãos, que a lei dos homens e as suas regras nada eram frente à Lei de Deus. Mas Dorléans sabia que a mera afirmação da Sua vontade, da verdadeira necessidade que deveria guiar os homens – a de obedecer primeiro a Deus e não ao rei – não despertava mais nos seus contemporâneos a mesma disposição que cem anos antes o serviço de Deus provocava.

*Je sais bien que ces propos seront reçus de plusieurs de ce temps corrompu avec risées, pour ce que nous sommes tombés en un siècle où la religion est tenue pour chose de peu de conséquence, et pour laquelle on ne doit perdre le dormir*⁴⁹⁹.

Felizmente, no entanto, “*car il y va du salut de nos âmes et de l'honneur de Dieu*”⁵⁰⁰, “*ce conseil n'a pas été approuvé par plusieurs*”⁵⁰¹. Entre esses vários, a Liga, que se opunha à pacificação proposta pelos protestantes e católicos associados para o reino por reconhecer o lugar principal que Deus deveria ter no Estado. Para se livrarem desses adversários, diz Dorléans, e evitarem que se descobrisse a sua real intenção, os protestantes acusavam os Guise de quererem, eles, tomar o reino, e usarem a Liga como seu exército. São, essas,

calomnies que l'on propose contre la Ligue, (...) qu'elle n'est point conduite par un zèle de Religion, mais pour assouvir l'ambition de la Maison de Guise, qui prétend

⁴⁹⁸ “Creio que se nós fôssemos Huguenotes, a paz aí estaria quanto ao Mundo; mas quanto a Deus, eu não acreditaria nunca. Quando Deus recomenda a paz, ele diz, eu vos deixo a paz, não segundo o mundo a deus; tanto que há realmente diferença entre a paz de Deus e a dos homens”, id., ibid., p.8.

⁴⁹⁹ “Bem sei que essas propostas serão recebidas por vários desse tempo corrompido com risadas, pelo motivo que nós caímos em um século onde a religião é tida como coisa de pouca consequência, e pela qual não se deve perder a noite de sono”, id., ibid., pp.25-26.

⁵⁰⁰ “pois se trata da salvação das nossas almas e da honra de Deus”, id., ibid., p.6.

⁵⁰¹ “esse conselho não foi aprovado por inúmeros”, id., ibid., p.6.

*la Couronne. Cette imputation n'est pas nouvelle dès les troubles d'Amboise on en disait autant*⁵⁰²,

e desde então, desde 1560, os Guise haviam se mostrado fiéis aos reis franceses, “*ils ont travaillé non pour eux, mais pour leur Prince*”⁵⁰³, afirma finalmente o autor.

No ano seguinte ao da *Apologie*, em 1587, surge uma nova carta endereçada por Navarra e Condé a Henrique III, na qual se repete o argumento de que os Guise, por meio da Liga, queriam destruir a França, destituir o rei, e tomar o reino para si. Segundo o *Advertissement fait au roy, de la part du roy de Navarre et de Monsieur le prince de Condé, touchant la dernière déclaration de la guerre*, tal era o objetivo da família lorena, e a reação de Henrique III deveria ser enérgica:

*Ils se veulent faire Rois, il vous veulent jeter dehors, voilà leur intention : voilà leur but ; voilà la somme de leur entreprises. C'est là qu'ils attachent leur espérance, ils aspirent à la domination universelle de tout le Royaume. Chassez donc ces pestes, et vous repousserez du col de votre peuple le couteau, et de vos belles villes les alarmes et les désolations que cette malheureuse race nous apporte. C'est maintenant le besoin, si jamais besoin fut. (...) Si vous ne vous éveillez de ce sommeil, il vous sera mortel*⁵⁰⁴.

Discurso semelhante aparece no *Le Restaurateur de l'Estat François*. A sua data de publicação não é certa, mas é possível afirmar que o texto foi escrito entre 1585 e 1589, pois há referências à morte do duque de Alençon-Anjou, à possibilidade de Navarra ser o herdeiro do trono, e ao crescimento da Liga sob a liderança do duque de Guise. O *Restaurateur* é composto de forma a parecer uma exortação feita pela França aos franceses: “*Tout ce discours est fait sous le nom de la France*”⁵⁰⁵, diz o autor anônimo no subtítulo da obra. Era assim a França que considerava os Guise e a Liga os responsáveis pelas guerras, e era ela que sabia a verdade sobre o seu interesse no caos que os conflitos provocavam: não o de

⁵⁰² “calúnias que são propostas contra a Liga, (...) que ela não é nada conduzida por um zelo de Religião, mas para saciar a ambição da Casa de Guise, que deseja a Coroa. Essa imputação não é nova, desde as perturbações de Amboise se dizia o mesmo”, id., ibid., p.20.

⁵⁰³ “eles trabalharam, não para eles, mas para seu Príncipe”, id., ibid., p.21.

⁵⁰⁴ “Eles querem se fazer Reis, eles querem vos expulsar, eis a sua intenção, eis o seu objetivo, eis o resultado das suas empresas. É aí que eles fixam a sua esperança, eles aspiram à dominação universal de todo o Reino. Expulsai então essas pestes, e rechaçarás do colo do vosso povo a faca, e das vossas belas cidades os espantos e desolações que essa raça infeliz nos traz. É agora a necessidade, se jamais houve necessidade. (...) Se vós não despertardes desse sonho, ele será mortal”, Condé, 1587, s/p.

⁵⁰⁵ “Todo esse discurso é feito sob o nome da França”, *Le Restaurateur de l'Estat François. Où sont traitées plusieurs notables questions, sus les Polices, la Justice & la Religion : le sommaire desquelles on pourra voir en la page suivante*, s/d., p.3.

restaurar a tranqüilidade do reino – apesar de ser essa a sua justificativa –, mas o de realizarem a sua própria prosperidade:

*Ce sont les Seigneurs de Lorraine le Duc de Guise & ses frères qui vous apprêtent et apostent toutes ces misères, ils en sont les entreteneurs : & toutefois vous dites qu'ils sont fort affectionnés envers moi & envers vous, qu'ils sont honnêtes & vertueux. Croyez-moi ils vous aiment comme étrangers qu'ils sont, c'est pour le profit & avancement qu'ils en espèrent. Ce sont leurs inimitiés, avarice & ambition qu'ils poursuivent & non point votre cause, votre repos, votre contentement & profit. C'est la vérité de leurs commodités qu'ils cherchent sous le nom, sous le masque & mensonge des vôtres. Ce sont images & fantômes que leurs propositions. S'ils ont été affectionnés & honnêtes envers vous, ils ne le sont plus : leur affection envers vous, leur honnêteté finit pour le moins au commencement de cette entreprise de la Ligue*⁵⁰⁶.

De acordo com o *Restaurateur*, a Liga recorria ao problema da sucessão real para continuar o confronto contra os protestantes. Admitir um rei protestante, diz a França, não era falta grave como as diatribes e publicações do partido católico intransigente queriam fazer crer. O protestante que poderia, eventualmente, ocupar o trono manteria o catolicismo, não perseguiria nem os fiéis, nem o clero, pois, ao contrário do que alegavam os seus adversários, a sua religião o impedia de agir com violência nas questões da fé. A França avisa então aos franceses:

*Ne craignez pour tant pas, que les Princes apportent le feu, le fer & la corde, pour l'avancement du règne de Dieu, pour faire valoir & étendre leur religion : ils offenseraient leur religion, ils pêcheraient contre Dieu et sa parole, selon laquelle uniquement ils règlent leur zèle. Elle leur défend comme nous avons amplement discouru ci-devant d'user de violence sur les consciences*⁵⁰⁷.

O *Restaurateur*, sob o nome da França, participa assim do debate entre *ligueurs* e *politiques*, apresentando os argumentos, repetidamente empregados nos discursos e panfletos, da verdadeira intenção escondida por trás da máscara da defesa do reino e da religião.

A publicação do *Restaurateur*, da *Apologie ou Defense des catholiques unis les uns avec les autres, contre les impostures des Catholiques associez à ceux de la prétendue Religion*, e do *Advertissement fait au roy* acontece em um momento em que a Liga criada pela família lorena para defender a religião contra a Reforma transformava-se na Santa União, reunião de todas as ligas nobiliárquicas e

⁵⁰⁶ Ibid., p.287-288.

⁵⁰⁷ “Não temam no entanto que os Príncipes tragam o fogo, o ferro e a corda para o avanço do reino de Deus, para fazer valer e espalhar a sua religião; eles ofenderiam a sua religião, eles pecariam contra Deus e a sua palavra, segundo a qual unicamente eles pautam seu zelo. Ela os proíbe como discurremos amplamente acima de usar de violência sobre as consciências”, *ibid.*, p.276.

plebéias e de toda a oposição conservadora ao rei e à Reforma. Como o advogado do Parlamento parisiense havia explicado, era preciso estender a reação católica a todos, protestantes e católicos, que não se dedicassem prioritariamente à causa da Igreja. E era preciso preparar-se especialmente para o combate contra os católicos que haviam tomado partido contra ela.

Respondendo ao chamado pela restauração do catolicismo como única religião do reino, um grande número de franceses católicos alista-se na Santa União, que usa comumente o nome de Liga. Sua influência baseava-se em larga medida no carisma e na autoridade pessoal do duque de Guise, que, em contrapartida, apoiava-se nas massas reunidas pelos pregadores católicos para fortalecer sua posição.

A popularidade de Guise era diretamente proporcional à impopularidade de Henrique III, o que ficou evidente em maio de 1588. No início do mês, uma reunião da liga parisiense divide a cidade em cinco áreas, cada uma controlada por um “coronel” *ligueur*⁵⁰⁸. A população é armada e a função principal dos coronéis é mobilizá-la em caso de necessidade. Tudo se passa sem que o rei seja consultado ou informado. Temendo uma nova tentativa de golpe contra o seu governo ou mesmo contra a sua pessoa – nos últimos anos, outras já haviam sido organizadas pelas ligas, pela União ou diretamente pelos Guise –, Henrique III proíbe o duque de entrar em Paris. Chamado pela Liga, Guise viola a decisão real e adentra a capital em 9 de maio. A população, insuflada durante semanas pelos oradores *ligueurs*, recebe o duque como a um novo messias: ele lhes parece “*le seul chef capable de mener une croisade contre l’hérésie*”⁵⁰⁹. Na madrugada de 12 de maio, o rei ordena à sua companhia de suíços, à guarda francesa e à parte da milícia que lhe permanecia fiel que controlem pontos estratégicos da cidade. A reação parisiense é imediata, e as ruas da cidade são fechadas com barricadas para impedir o avanço das tropas reais. Cerca de 60 suíços são mortos. Temendo uma repetição dos massacres de São Bartolomeu – e sem dúvida temendo também pela própria vida, e pela segurança da família real – Henrique III ordena então aos seus soldados que se retirem, mas a exaltação de uma população que o rei não controla, e que não respeita a sua autoridade, obriga-o a recorrer a Guise. Humilhado, e

⁵⁰⁸ Jouanna, op.cit., p.336.

⁵⁰⁹ “o único chefe capaz de comandar uma cruzada contra a heresia”, id., ibid., p.336.

inseguro, Henrique III deixa a capital e se refugia em Chartres. Henrique de Guise torna-se o novo rei de Paris.

Segundo Jouanna, a vitória de Guise sobre o rei nesse mês de maio de 1588 foi o resultado da crise de autoridade em que afundava Henrique III. Seus oponentes esforçavam-se para transformar as decisões e mesmo as atitudes cotidianas do rei em provocações à religião e em atos de tirania. O Dia das Barricadas seria assim

*la violente réaction de rejet d'un monarque dont toutes les initiatives passent pour être la manifestation de la double volonté de détruire les libertés et d'anéantir la vraie foi*⁵¹⁰.

Em Chartres, pressionado pelo prestígio incontestável do duque de Guise, Henrique III é obrigado a negociar com a Liga. Em julho são publicados os *Articles de la sainte union des Catholiques François*, que explicam, como o tratado de Nemours antes deles, a luta em que o rei e a Liga deveriam se unir, para expulsar a heresia do reino e restabelecer o seu antigo esplendor. Segundo o autor dos *Articles*, a unidade era a regra que, desde os primeiros filósofos, desde Sócrates e Platão, havia sido considerada como “*la fontaine ou plutôt comme (...) l'Océan de tout bien*”⁵¹¹. E a unidade era Deus. Todo o esforço do rei deveria ser no sentido de defender a unidade, a religião, Deus. Essa era a função do príncipe, e a União adverte o rei:

*Souvenez-vous (Sire) que Dieu vous a colloqué en souverain degré pour être instrument de sa gloire et dispensateur de ses grâces, sur le nombre infini de vos sujets pour les maintenir aux anciennes lois, coutumes et Religion des Français*⁵¹².

Para ajudar o rei, a União e os Guise – seus líderes – estavam igualmente empenhados em preservar a religião católica, expulsando do reino a heresia protestante. Seus maiores inimigos, além dos hereges protestantes, eram, como Louis Dorléans afirmara, os católicos que se haviam aliado a eles, sobretudo os *politiques*. No entanto, segundo os *Articles*, “*les hérétiques ni les Politiques ne*

⁵¹⁰ “a violenta reação de rejeição de um monarca cujas iniciativas todas são consideradas manifestações da dupla vontade de destruir as liberdades e anular a verdadeira fé”, id., ibid., p.337.

⁵¹¹ “a fonte ou antes como (...) o Oceano de todo bem”, *Articles de la sainte union des Catholiques François*, 1588, p.2.

⁵¹² “Lembraí-vos (Senhor) que Deus vos colocou em grau soberano para ser instrumento da sua glória e distribuidor das suas graças, sobre o número infinito dos vossos súditos, para conservá-los nas antigas leis, costumes e Religião dos franceses”, ibid., p.31.

*sont assez forts pour nous rompre la force que Dieu à mis en nos mains*⁵¹³, e a luta pela religião e contra eles mostrará as suas mentiras, revelando o seu verdadeiro propósito.

Os *Articles* retomam a dinâmica em que a Liga acusava os *politiques* de quererem a ruína do Estado, e estes por sua vez devolviam a acusação, afirmando que essa era a intenção dos Guise. A apresentação, pelo autor dos artigos, da alegação *politique* mostra a dimensão tomada pela guerra feita através das publicações de ambos os lados:

*Je répondrais succinctement aux raisons qu'ont fait semer et publier (par toute la France) plusieurs politiques, mal affectionnés au service de Dieu, repos et sûreté de la France, Premièrement ils ont osé alléguer que cette union qu'ils appellent ligue pour la rendre plus odieuse, tend à l'éversion de l'état, que messieurs de Lorraine pour s'emparer de la Couronne ont sous prétexte de religion troué cette intention. À quoi je dirai en un mot à la vérité, Dieu a voulu que d'une si sainte et céleste entreprise, ils soient les auteurs et moyen*⁵¹⁴.

Contra os *politiques* e os protestantes, era nos Guise que o rei deveria buscar apoio. Para evitar a deterioração de uma relação já conturbada com a população e as autoridades francesas, sobretudo as parisienses, Henrique III aceita as determinações presentes nos artigos da Santa União, e torna público o seu próprio édito *Sur l'union de ses subjects Catholiques*. Segundo um espectador anônimo – e católico – dos acontecimentos,

*Le Roi vraiment très chrétien, brûlant de l'amour du Dieu vivant, et zélé d'un saint zèle a promis par l'Édit public leur union, laquelle d'abondant il désire jurer et confirmer par ses États, et en faire une loi fondamentale en ce Royaume, qui est certes un trait de prudence singulière, et digne de sa Majesté très chrétienne, étant cet Édit l'espérance de notre salut, l'honneur de l'Église, l'ornement de sa noblesse, et le repos de son pauvre peuple*⁵¹⁵.

⁵¹³ “os hereges nem os *Politiques* são suficientemente fortes para romper a força que Deus colocou nas nossas mãos”, *ibid.*, p.22,

⁵¹⁴ “Eu responderia sucintamente às razões que fizeram semear a publicar (por toda a França) vários *politiques*, mas afeiçoados no serviço de Deus, tranqüilidade e segurança da França, Primeiramente eles ousaram alegar que essa união, que eles chamam liga para torná-la mais odiosa, visa a abertura do estado, que os senhores de Lorena, para tomarem a Coroa, furaram essa intenção. Ao que eu diria em uma palavra na verdade Deus quis que de um tão santo e celeste empreendimento, eles fossem os autores e meios”, *ibid.*, p.27.

⁵¹⁵ “O Rei verdadeiramente muito cristão, queimando pelo amor do Deus vivo, e zeloso de um santo zelo prometeu pelo Édito público a sua união, a qual ele deseja jurar e confirmar abundantemente pelos seus Estados, e fazer uma lei fundamental neste Reino, o que é certamente um traço de singular prudência, e digno de sua Majestade muito cristã, sendo este Édito a esperança da nossa salvação, a honra da Igreja, o ornamento da nobreza, e a tranqüilidade do seu pobre povo”, *Advertissement aux trois estats de France assemblez en la ville de Blois, pour obtenir de Sa Majesté l'interpretation d'une close de son dernier edict de réunion faulsement exposee par les heretiques & politiques leurs associez*, 1588, pp.6-7.

No *Edict du roy sur l'union de ses subjects Catholiques*, Henrique III confirma as cláusulas da Santa União, ordena a todos os franceses que se juntem a ele e à Liga na conservação do catolicismo e indica que, após a sua morte, não poderá haver mudança de religião no reino, isto é, seu sucessor deverá ser, como ele, católico:

*Avons résolu (...) à ce que de notre vivant il soit établie au fait de notre Religion Catholique Apostolique & Romaine, un bon & assuré repos, & lorsqu'il plaira à Dieu disposer de nos jours pour nous appeler à soi, nous puissions nous représenter en notre conscience que nous n'avons rien omis de ce, où l'esprit humain s'est pu étendre pour obvier qu'après notre décès il n'advienne en celui notre Royaume, changement ou altération au fait de la Religion. Voulant pour cette occasion que tous nos sujets Catholiques, de quelque dignité, qualité & condition qu'ils soient, s'unissent & joignent avec nous, pour l'acheminement & perfection d'un oeuvre si nécessaire & agréable à Dieu, nous communiquant avec eux & s'unissant à nous pour la conservation de notre sainte Religion*⁵¹⁶.

Henrique III havia sido obrigado a essa decisão. Após o Dia das Barricadas, para tentar aproximar-se de Guise, o rei o havia nomeado lugar-tenente geral, ao mesmo tempo em que, para evitar que o domínio do duque sobre a capital se estendesse ao resto da França, convocava uma nova assembléia dos estados gerais. Esperando construir uma maioria favorável entre os deputados que se reunirão em Blois, o rei interfere pessoalmente nas eleições para os estados. Mas melhor resultado tem a Santa União: dos representantes do clero e do terceiro estado, a maior parte é de partidários da Liga; os deputados da nobreza dividem-se igualmente entre *royaux* e *ligueurs*.

Os estados reconhecem o édito da União como lei fundamental do reino, e o rei jura, como havia jurado no momento da sua coroação, a sua intenção de manter apenas uma religião no reino. Mas para conservar a religião, Henrique III precisava de fundos. Mais uma vez, como nos estados gerais de 1576, o rei pede aos deputados dinheiro para reconquistar o reino para a Igreja. Mais uma vez, os estados negam o pedido de Henrique III. Para o rei, por trás dessa nova recusa está Henrique de Guise, cuja intenção seria destituí-lo de toda a sua autoridade de

⁵¹⁶ “Decidimos (...) que durante a nossa vida seja estabelecido sobre a questão da nossa Religião Católica Apostólica e Romana, um bom e seguro repouso, e quando Deus quiser dispor dos nossos dias para nos chamar a ele, possamos manter que não omitimos nada disso, onde o espírito humano pode estender-se para evitar que depois da nossa morte não aconteça neste nosso Reino mudança ou alteração na questão da Religião. Queremos nessa ocasião que todos os nossos súditos católicos, seja qual for a sua dignidade, qualidade e condição, unam-se e se juntem a mim, para o encaminhamento e completação de uma obra tão necessária e agradável a Deus, nos juntando a eles e se unindo a nós para a conservação da nossa santa Religião”, *Edict du roy sur l'union de ses subjects Catholiques*, 1588, s/p.

monarca e tornar-se, no seu lugar, o líder incontestável da reação católica à pernicioso influência protestante sobre o reino.

Henrique III decide então dar fim à sua disputa com o duque de Guise. Em 23 de dezembro de 1588, em Blois, o duque é assassinado pelos *Quarente-Cinq*, a nova guarda pessoal do rei, criada em 1585. Henrique III, segundo um panfletista *royaliste*, “*a fait entendre que c’est punition pour avoir conspiré et attenté contre lui et son état*”⁵¹⁷. O cardeal de Guise, irmão do duque, é preso e assassinado no dia seguinte. Alguns deputados ligados à Santa União são presos, assim como o cardeal de Bourbon. Mas ao contrário do que esperava Henrique III, a morte de Guise faz aprofundar-se a distância entre ele e seus súditos, que vêm no assassinato a confirmação da tirania real. Em 1589, Paris, dominada pela Liga desde o Dia das Barricadas, meio ano antes, torna-se o centro de difusão de um radicalismo religioso que se nutre na oposição ao rei. Na capital, as procissões expiatórias, as perseguições aos funcionários da Coroa e aos partidários do rei tornam-se mais e mais freqüentes. Ainda em janeiro a faculdade de teologia declara os franceses livres do seu juramento de obediência ao rei. Henrique III passa a ser *Henri de Valois*, pessoa privada, não mais rei. Por anagrama, *Henri de Valois* é chamado também de *Vilain Hérodes*⁵¹⁸, e comparado a Calígula, “*la vie duquel est naïvement conforme à celle de Henri de Valois*”⁵¹⁹.

De Paris e de outras cidades, as publicações contra Henrique III inundam a França. Os assassinatos de 23 e 24 de dezembro, especialmente o do duque de Guise, fizeram de um rei pouco popular o inimigo do reino e da religião. Segundo os sermões e panfletos *ligueurs*, as penitências, as procissões, a devoção manifestada por Henrique III não eram nada além de “*spécieux préceptes de son maître Machiavel*”⁵²⁰, que ensinava a mentir e fingir para conquistar um objetivo,

⁵¹⁷ “disse que é punição por ter conspirado e atentado contra ele e seu estado”, *Apologie pour les Catholiques d'Angers, demeurez fermes en l'obeissance du Roy, calumniez d'heresie, pour n'auoir voulu estre de la ligue*, 1589, p.32.

⁵¹⁸ Denis Crouzet reporta uma passagem do *Contre les fausses allegations que les plus qu'Architofels, Conseillers Cabinalistes, proposent pour excuse Henry le meurtrier de l'assassinat par luy perfidement commis en la personne du tres illustre Duc de Guise* (1589) em que o autor conta que “*un prêcheur de Paris lui a fait cet anagramme, Vilain Hérode*” (Crouzet, 1990, p.528 nota 97).

⁵¹⁹ “cuja vida é naturalmente conforme a de Henrique de Valois”, *L'Arpocratie ou Rabais du caquet des politiques et Jebusiens de nostre aage. Dedié aux agens & catholiques associez du roy de Navarre*, 1589, p.12.

⁵²⁰ “sedutores preceitos de seu mestre Maquiavel”, *Advertissement envoyé par un Catholique aux Villes de S. Quentin, Coucy et la Fere, salutaire et profitable pour les autre villes tenant party contraire a l'Union*, 1589, p.7.

“car s’il eût eu cette Religion et cette dévotion extérieure aussi fort imprimée en l’âme, comme il le voulait montrer en apparence”⁵²¹, o protestantismo, e os protestantes, teriam sido definitivamente expulsos do reino. Os crimes cometidos contra os defensores do catolicismo haviam provado que “l’habit ne faisait pas le Moine, et sous la queue gisait le venin”⁵²². Se até o dia 23 de dezembro de 1588 havia sido possível ter a esperança de que Henrique III restabeleceria a Igreja “en sa première splendeur”⁵²³ – sobretudo com a confirmação, durante a reunião dos estados gerais, do édito da União –, depois desse dia fatal,

*comment peut-on croire qu’il soit Catholique et Chrétien, ayant contre cette foi publique par lui donnée, ratifiée et confirmée par le serment qu’il fit sur le saint Sacrement de l’Autel en l’assemblée des États, massacré sans sujet un Cardinal Prince, Légat du saint-siège Apostolique, et député de sa Province : Emprisonné un autre Cardinal Prince du sang, et un Archevêque qu’il détient encore : fait tuer et inhumainement assassiner le premier Prince du monde, la terreur des Hérétiques, et l’appui des Catholiques Français?*⁵²⁴

A realidade do reinado de Henrique III era ainda pior pois, segundo o autor anônimo desse *Advertissement*, aqueles que um dia acreditaram na sinceridade do rei, que viram nele um defensor da religião quando ele na verdade “*contrefaisait (...) le Religieux et dévot, faisant bâtir des Oratoires, portant par les rues l’habit de Pénitent avec un fouet à la ceinture*”⁵²⁵, esses estavam sendo enganados desde as primeiras horas de um governo infame. Convencidos de que as guerras civis eram uma ameaça para o Estado, e de que o Estado deveria ser preservado a qualquer custo, os bons cidadãos de Saint-Quentin, Coucy e La Fère haviam sido levados a crer que a religião não estava em questão, e que portanto não se tratava de salvá-la, mas de salvar o Estado. Mentiras. Mentiras de *politiques*, hereges e ateus, “*qui vont publiant partout, qu’il n’y va point de la Religion, que l’on veut seulement attenter à l’État, et que le Roi n’a autre désir que d’extirper les*

⁵²¹ “pois se ele tivesse tido essa Religião e essa devoção exterior tão fortemente impressa na alma, como ele queria mostrar em aparência”, *ibid.*, p.7.

⁵²² “o hábito não fazia o Monge, e no rabo estava o veneno”, *ibid.*, p.7.

⁵²³ “no seu primeiro esplendor”, *ibid.*, p.7.

⁵²⁴ “como podemos acreditar que ele seja Católico e Cristão, tendo contra essa fé pública por ele dada, ratificada e conformada pelo juramento que ele fez sobre o santo Sacramento do Altar na assembléia dos Estados, massacrado sem motivo um Cardeal Príncipe, Legado da santa sé Apostólica, e deputado da sua Província; Aprisionado um outro Cardeal Príncipe de sangue, e um Arcebispo que ele ainda mantém preso; matado e inumanamente assassinado o primeiro Príncipe do mundo, o terror dos Hereges, e o apoio dos Católicos Franceses?”, *ibid.*, p.8.

⁵²⁵ “fingia (...) o Religioso e devoto, fazendo construir Oratórios, vestindo pelas ruas o hábito do Penitente com um chicote na cintura”, *ibid.*, p.7.

hérésies”⁵²⁶. Mentiras publicadas que, segundo o autor do *Advis et exhortation en toute humilité & obeissance*, era preciso enfrentar:

*Plus serait de besoin par une sévère ordonnance de réprimer et borner les langues de ces gens qui ne se ressentent que de la terre, qu'on appelle politiques ou à mieux dire Athéistes. Car de l'abondance du coeur (comme savez) la bouche parle, et telles personnes peuvent de leurs méchantes langues messagères de leurs coeurs pervers et de leurs pensées diaboliques, infecter les pauvres âmes simples, mêmes par leurs faux bruits engendrer une division en cette ville de Paris, qui est l'oeil, le miroir et la torche de la France. Lesquels témérairement par leurs serpentines langues blâment et parlent mal tant des bons Princes morts, que de vivants : Ce qui ne se devrait souffrir ni permettre entre nous autres Chrétiens et fidèles Catholiques unis*⁵²⁷.

Mentiras que, como as dissimulações do rei, “*sont des artifices du diable et de ses supports*”⁵²⁸. E assim, pergunta o *Advertissement* aos moradores de Saint-Quentin, Coucy e La Fère,

*Ne voyez-vous pas que celui de qui vous soutenez si opiniâtement le parti, et ses supports, ne respirent autre chose que le sang des Catholiques, l'établissement de l'hérésie, et abolition de la vraie Religion ?*⁵²⁹

Com esse único propósito Henrique III governava a França. Para o autor do *Advertissement*, como para os outros panfletistas *ligueurs*, o assassinato do duque de Guise era uma afronta feita ao mesmo tempo ao reino e a Deus. No *Advis aux catholiques françois, sur l'importance de ce qui se traicte aujourd'huy, sur l'irresolution de quelques scrupuleux ensemble & principalement sur les ruzes des politiques, atheistes, forgeurs de nouvelles, & aultres ennemys de Dieu*, depois da morte de Henrique de Guise –

*ce grand Capitaine, voire le plus grand, le plus généreux et accompli en toute vertu, que la France ait nourri depuis longtemps, feu monseigneur le Duc de Guise, assassiné traîtreusement et méchamment à Blois, au Cabinet de celui qui se disait roi très chrétien*⁵³⁰

⁵²⁶ “que vão publicando por todo lado, que não se trata da Religião, que querem apenas atentar contra o Estado, e que o Rei deseja apenas extirpar a heresia”, *ibid.*, p.12.

⁵²⁷ *Advis et exhortation en toute humilité & obeissance. A messeigneurs du Conseil d'Estat general, de la sainte Union de l'Eglise catholique apostolique & romaine. Contre les blasphemateurs du nom de Dieu, & de ceux qui seront trouvez en adultere & paillardise. Ensemble contre ceux qui soustiennent les heretiques & politiques de ce temps*, 1589, p.18.

⁵²⁸ “são artificios do diabo e dos seus suportes”, *Advertissement envoyé par un Catholique aux Villes de S. Quentin, Coucy et la Fere...*, *op.cit.*, p.12.

⁵²⁹ “Não vedes que esse cujo partido, e seus suportes, vós apoiais tão teimosamente, respiram apenas o sangue dos Católicos, o estabelecimento da heresia, e a abolição da verdadeira Religião?”, *ibid.*, pp.4-5.

⁵³⁰ “esse grande Capitão, quicá o maior, o mais generoso e completo em toda virtude, que há muitos anos a França alimentou, falecido senhor Duque de Guise, assassinado traidora e malvadamente em Blois, no quarto daquele se dizia rei muito cristão”, *Advis aux catholiques françois, sur l'importance de ce qui se traicte aujourd'huy, sur l'irresolution de quelques*

– depois da morte de Guise, portanto, tornava-se uma obrigação juntar-se à Liga para enfrentar “*l’injure de ce tyran*”⁵³¹, e também “*ces Politiques qui ont été tant étroits amis de ce tyran*”⁵³²; para defender o reino e a religião.

Os assassinatos dos líderes católicos ordenados pelo rei em Blois resultaram em uma radicalização da violência da Liga contra o rei. Segundo Denis Crouzet, depois de dezembro de 1588,

*il y a Union des catholiques, parce qu’il y a affirmation sacrale que nul ne doit préférer une chose mortelle et caduque à Dieu (...). Dieu doit primer sur tout, et la résistance au roi est légitime parce que Dieu doit être aimé*⁵³³

acima de todas as coisas, acima também do rei.

A oitava guerra civil, iniciada na primavera de 1585, custava ao rei suas – diminutas – reservas, e muitas cidades que haviam sido tomada pelos exércitos *ligueurs* eram-lhe agora hostis. Ainda mais isolado do que antes da morte de Henrique de Guise, o rei propõe uma aliança a Navarra. Este vinha publicando, sempre com redação de Philippe Duplessis-Mornay, cartas aos três estados do reino, aos membros do parlamento de Paris e aos parisienses, nas quais afirmava a sua vontade de paz, e assegurava que esta não seria atingida pela eliminação do catolicismo, mas apenas pelo respeito deste e dos católicos. Em 13 de abril de 1589, os representantes de Henrique III e Navarra assinam em Tours um acordo, com validade de um ano, estipulando que este último deveria combater o duque de Mayenne, irmão e herdeiro de Guise na liderança da Santa União, e, em troca, poderia manter, entre as cidades retomadas, uma por bailia. No mesmo mês, Navarra atravessa o rio Loire e junta-se a Henrique III, no dia 30 de abril de 1589, em Plessis-lès-Tours, de onde seguem com seus exércitos, que, somados, contam mais de 30 mil homens, na direção de Saint-Cloud. Em maio, o papa Sixto V excomunga o rei da França. Em julho, Henrique III e Navarra cercam Paris.

Dentro da cidade, as opiniões exacerbam-se. A Santa União declara justa e necessária a desobediência ao rei, e a deposição deste passa a ser a matéria da

scrupuleux ensemble & principalement sur les ruzes des politiques, atheistes, forgers de nouvelles, & aultres ennemys de Dieu, 1589, p.4.

⁵³¹ “injúria desse tirano”, *ibid.*, p.5.

⁵³² “esses *Politiques* que foram tão próximos amigos desse tirano”, Dieudonné, *op.cit.*, p.25.

⁵³³ “há União dos católicos porque há afirmação sacral que ninguém deve preferir algo mortal e caduco a Deus (...). Deus deve primar sobre tudo, e a resistência ao rei é legítima porque Deus deve ser amado”, Crouzet, 1990, p.491.

quase totalidade dos sermões ouvidos na capital. O autor do *Advertissement envoié par un Catholique aux Villes de S. Quentin, Coucy et la Fere* explica que, sendo Deus o verdadeiro rei da França, e a religião o seu verdadeiro Estado, o rei a ser respeitado não era Henrique III, nem o Estado a ser mantido era o seu governo, pois

*nous avons donc avant toutes autres choses, et sans aucun respect humain, à contenter le Roi des Rois, et conserver son État en la France (qui est sa Religion) contre tous les assauts et des hommes et des diables, laquelle nous voyons que celui qu'il nous avait donné pour son ministre, et que nous avons jusqu'à cette heure reconnu pour tel, veut éteindre et assoupir*⁵³⁴.

No *Advis aux catholiques françois*, a exortação final tem o objetivo de demover os últimos partidários de Henrique III, que alegavam em seu favor a religiosidade do rei e a fidelidade devida a ele por juramento:

*Il est notre Roi, dites-vous, il est l'Oint de Dieu : O combien vous le poignez au vif ! c'est autant comme si vous disiez, il est défenseur de la religion, protecteur de la patrie, père du peuple (car voilà que c'est être Roi, Roi de France) et vous voyez comme il a sapé l'Église, favorisé l'hérétique, fait venir les étrangers en ce pauvre Royaume (...). Si vous doutez qu'il soit hérétique : je vous renvoie aux effets (...) Je crois que nous sommes tous charmés. Eh bien cela vous semble dur, de démettre un Roi, lui ôter la couronne : pourquoi ? puisqu'il viole le serment fait en son sacre, pour ce qu'il détruit l'Église, puisque lui nous a délivré du serment de fidélité, s'il violait sa Foi puisqu'il se rend indigne de telle majesté ?*⁵³⁵

Alguns sermões *ligueurs* radicalizam a oposição ao rei: o tiranicídio é justificado como um ato de libertação do povo de Deus. Em 1º de agosto, o monge Jacques Clément apunhala Henrique III, que morre no dia seguinte. Nas ruas de Paris, a notícia é comemorada: “*Bonnes nouvelles, mes amis! Bonnes nouvelles! Le tyran est mort! Il n'y a plus de Henri de Valois en France !*”⁵³⁶.

⁵³⁴ “nós temos portanto antes de tudo mais, e sem nenhum respeito humano, que contentar o Rei dos Reis, e conservar o seu Estado na França (que é a sua Religião) contra todos os ataques tanto dos homens quanto dos diabos, a qual vemos que aquele que ele nos havia dado como seu ministro, e que nós até agora reconhecemos como tal, quer extinguir e eliminar”, *Advertissement envoié par un Catholique aux Villes de S. Quentin, Coucy et la Fere...*, op. cit., p.6.

⁵³⁵ “Ele é nosso Rei, dizeis, ele é o Ungido de Deus: é como se dissésseis, ele é defensor da religião, protetor da pátria, pai do povo (pois eis o que é ser Rei, Rei da França) e vês como ele minou a Igreja, favoreceu o herege, fez virem os estrangeiros nesse Reino (...). Se duvidais que ele seja herege : eu vos remeto aos efeitos (...) Creio que estamos todos enfeitiçados. Pois bem, parece-vos duro depor um Rei, tirar-lhe sua coroa: por quê? posto que ele viola o juramento feito na sagração, porque ele destrói a Igreja, posto que ele nos libertou do juramento de fidelidade, se ele violasse sua Fé posto que ele se torna indigno de tal majestade”, *Advis aux catholiques françois...*, op.cit., pp.22-23.

⁵³⁶ “Boas notícias, meus amigos! Boas notícias! O tirano está morto! Não há mais Henrique de Valois na França!” apud Crouzet, 1990, p.492.